

PRISCILLA PICONI TAMBUCCI

China e Olimpíadas – a construção das imagens pelo discurso telejornalístico

Dissertação apresentada para a obtenção do grau
de Mestre em Comunicação na
Contemporaneidade pela Faculdade Cásper
Líbero

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dulcília H. S. Buitoni

São Paulo
2011

Tambucci, Priscilla Piconi

China e Olimpíadas - A construção das imagens pelo discurso
telejornalístico/ Priscilla Piconi Tambucci. -- São Paulo, 2011.

68 f. : il. ; 30 cm.

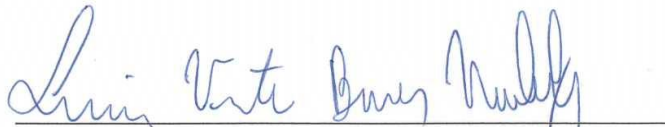
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dulcília H. S. Buitoni
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de
Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Telejornalismo. 3. Esporte. I. Tambucci, Priscilla
Piconi. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em
Comunicação. III. Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: PRISCILLA PICONI TAMBUCCI

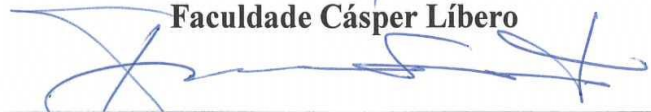
“CHINA E OLIMPÍADAS – A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS PELO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO”.



Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Universidade de São Paulo - ECA



Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero



Profa. Dra. Dulcilia Helena Schroeder Buitoni
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: - 29 de abril de 2011.

Agradecimentos

A Prof^a Dr^a Dulcília H. S. Buitoni, orientadora e amiga, pelo exemplo apoio e incentivo que sempre me fizeram crescer

Aos professores Angela Marques, Luciano Maluly e Luís Mauro Sá Martino pela leitura cuidadosa e sugestões pertinentes

Aos professores do Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero

Ao Prof^o Dr^o Pascoal Luiz Tambucci, pai e grande incentivador no percurso da realização de mais esse sonho.

A minha querida mãe, minhas irmãs e meus avôs pelo incentivo e compreensão.

TAMBUCCI, Priscilla Piconi. China e Olimpíadas – a construção das imagens pelo discurso telejornalístico. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

RESUMO

Comunicação e esporte são processos cada vez mais interdependentes. Pesquisas que pretendam analisar o jornalismo e eventos esportivos podem trazer contextos políticos, sociais e culturais. Competições esportivas globais despertam grande interesse pelas suas características de entretenimento e de identificação com os heróis do esporte.

Este trabalho busca levantar aspectos da comunicação jornalística produzido sobre os Jogos de Pequim, em 2008. Para tanto, concentrou-se em matérias telejornalísticas veiculadas no Jornal Nacional, da Rede Globo. Foi feito um levantamento sobre o material referente aos Jogos veiculados em agosto de 2008, com o objetivo de analisar a visibilidade aos jogos, ao país sede, aos atletas: temas, enfoques, a questão do herói etc. São mecanismos discursivos que instauram sentidos e que procuram envolver o interesse do público, mesclados a uma atmosfera de entretenimento. Os resultados revelam que as Olimpíadas ocuparam um significativo espaço na programação do Jornal Nacional, com informações sobre a cultura chinesa, cobertura dos jogos, destaque aos atletas heroicizados, reportagens sobre os participantes brasileiros e uma ou outra notícia de teor político. Algumas matérias apresentaram um toque humano na edição. A maioria das reportagens foi de cunho informativo, com doses de entretenimento e tentando criar um clima favorável ao evento.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos de Pequim, Comunicação, Telejornalismo, Jornal Nacional.

TAMBUCCI, Priscilla Piconi. China e Olimpíadas – a construção das imagens pelo discurso telejornalístico. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

ABSTRACT

Communication and Sports are becoming increasingly interdependent processes. Researches that aim to examine journalism and sports events can approach political, social and cultural issues. Global sports competitions attract a great deal of interest due to their entertainment features and identification with sports heroes. This work approaches issues of journalistic communication produced on the Beijing Olympics in 2008. To that end, we focused on issues tele-journalistic disseminated in *Jornal Nacional* of Rede Globo. We conducted a survey on news related to the Olympic Games presented in August 2008 in order to analyze the visibility of the games, the host country to athletes: issues, approaches, the matter of the hero etc. Those are discursive gears that establish senses and seek to attract the viewers' interest combined with an entertainment atmosphere. The results show that the Olympics have taken an important space in the programming of *Jornal Nacional*, with information about Chinese culture, coverage of the games, especially the heroic athletes, reports on participants from Brazil and one or another piece of political content. Some news showed a human touch on the editing. Most of the reports had informative features, with some entertainment and the attempt to create a favorable atmosphere to the event.

KEYWORDS: Beijing Olympic, Communication, Tele-journalism, *Jornal Nacional*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO.....	9
2. TELEJORNALISMO.....	16
2.1. Estratégias Narrativas.....	16
2.2. Telejornalismo e a Narrativa Ficcional: os gêneros.....	21
2.3. Comunicação e Esporte: O Jogo.....	24
2.4. O telejornalismo e a criação de heróis.....	28
3. OLIMPÍADAS E CHINA NO JORNAL NACIONAL.....	33
3.1. Parte I – Análise.....	33
3.2. Parte II – Análise.....	34
3.3. Parte III – Análise.....	47
3.3.1. “Presidente chinês fala à imprensa internacional” (edição 01/08/08).....	48
3.3.2. “O hábito chinês de tirar uma soneca em lugares públicos” (edição 02/08/08).....	51
3.3.3. “Pequim tem reforço de policiamento” (edição 04/08/2008).....	54
3.3.4. “Brasileira Maurren Maggi salta para a história” (edição 22/08/2008).....	57
3.3.5. “Usain Bolt vence também os 200 metros com recorde mundial” (edição 20/08/2008).....	61
CONCLUSÃO.....	64
BIBLIOGRAFIA.....	66

Introdução

A memória do esporte se constrói e se perpetua ao longo da história da humanidade e seu caráter simbólico passa a ser elemento de fusão de imagens que aumenta a visibilidade dos produtos que a ele se associam o que faz desse simbólico um apelo de grande valor para os meios de comunicação.

Devido a sua repercussão mundial, os mega-eventos esportivos, como por exemplo, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo, atraem diversos investidores, patrocinadores e, conseqüentemente, a mídia televisiva, que para ficar a frente da concorrência atraindo maior audiência divulga, com grande freqüência, ações publicitárias, matérias jornalísticas, fatos e informações relacionadas ao evento.

A cobertura de eventos esportivos tem ganhado cada vez mais espaço nos meios de comunicação. Em época de grandes eventos, como os Jogos Olímpicos, a atenção tanto dos meios quanto do público se volta quase que exclusivamente para o assunto. É comum que boa parte da programação dos canais de televisão, das páginas de jornal ou capas de revistas dediquem mais espaço aos jogos e competições.

A comunicação televisiva é um fator fundamental no mundo contemporâneo, uma vez que pode atingir uma vasta audiência global com mais rapidez e uma maior diversidade de imagens. Quando aliada ao fenômeno esporte, o discurso da mídia mobiliza a atenção e o interesse de milhares de pessoas em todo o mundo.

É importante para os estudos da comunicação reflexões ao tema que é um assunto de nível global. É o momento que a China, cidade-sede dos jogos, abre suas portas ao mundo, podendo mostrar suas características históricas e culturais, além de atrair investimentos ao país.

A transmissão dos Jogos Olímpicos revela-se um espetáculo midiático de esfera internacional. Os jogos são considerados o evento esportivo de maior dimensão e de maior efeito sobre o mundo contemporâneo, tanto pelo seu caráter simbólico como pelo seu retorno econômico e social. (MORÁGAS SPÁ & BOTELHA, 1996).

Segundo os autores, em tempos de jogos, a cidade olímpica é palco de grandes atrações e alvo da mídia televisiva nacional e internacional, que busca além de fatos sobre o evento e seus protagonistas (atletas), curiosidades sobre a cidade. Ao associar a cidade à imagem consagrada dos Jogos Olímpicos, a cidade passa a ser reconhecida mundialmente

como cidade-olímpica, cria um valor singular para o mundo, tornando-se uma referência, atraindo investidores e turistas.

O presente trabalho analisa o discurso da mídia brasileira na cobertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, da participação de atletas e seleções esportivas no evento, bem como características da cidade-sede e da população chinesa.

O recorte desse estudo se concentra especialmente em matérias telejornalísticas expostas pelo Jornal Nacional da rede Globo no mês de agosto de 2008, época da realização dos Jogos Olímpicos de Pequim.

1. A Imagem como representação

Para discutirmos a imagem como informação na televisão, é preciso considerar a evolução da imagem.

As imagens, segundo Flusser (2002) são superfícies que pretendem representar algo e que resultam da abstração de duas das quatro dimensões espaço-temporais, a fim de que se conservem apenas duas - altura e largura. Para o autor, Imagens, portanto, são representações planas, sem profundidade, sem relevo, e que estão imobilizadas no tempo.

No tocante à evolução da imagem, alguns momentos foram significativos para a compreensão de sua aplicação, o que os torna objeto de nossa discussão.

A pintura tem servido como registro histórico desde a pré-história. Suas pinturas rupestres e desenhos primitivos, grafados nas paredes rochosas das cavernas, são exemplos que possibilitam a identificação das primeiras tentativas de o homem registrar as informações de seu tempo.

Observa-se que nos tempos primordiais o homem buscava traduzir o seu olhar da própria realidade àqueles que o sucederiam por meio de signos contendo mensagens valiosas que ficaram à mercê da interpretação dos sujeitos inscritos em outros momentos, distanciados por milhares de anos, que lhes atribuíram sentidos que talvez não fossem aqueles pretendidos por seus autores.

Orlandi (1996) defende que o sentido não é único e a leitura é apenas um gesto de interpretação, necessariamente, atravessado pela história do sujeito leitor. O sujeito não controla o sentido do seu dizer por que é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, conforme Pêcheux apud Orlandi (1996).

A singularidade da pintura na construção de imagens pode ser entendida na obra de Peter Burke que trata com propriedade a fabricação da imagem pública do rei Luís XIV.

Quanto à função da imagem ela não visava, de modo geral, a fornecer uma cópia reconhecível dos traços do rei ou uma descrição sóbria de suas ações. Ao contrário, a finalidade era celebrar Luís, glorificá-lo, em outras palavras, persuadir espectadores, ouvintes e leitores de sua grandeza. Para isso, pintores e escritores se inspiravam numa longa tradição de formas triunfais. (BURKE, 1994, p. 31)

Um exemplo desses mecanismos de manipulação da pintura pode ser observado quando autor afirma que:

A maioria das pinturas do rei se enquadra no gênero que os historiadores de arte chamam de “retrato solene”, construída segundo a “retórica da imagem” desenvolvida durante o renascimento para a pintura de pessoas importantes. Nesses retratos solenes, a pessoa é geralmente apresentada em tamanho natural ou até maior, de pé ou sentada num trono. Os olhos do retrato estão acima dos olhos do espectador, para sublinhar sua posição superior. O decoro não permite que ele seja mostrado usando as roupas do dia-a-dia. Usa armadura, como símbolo de coragem, ou roupas ricas, como sinal de posição elevada, e está cercado de objetos associados ao poder e a magnificência – colunas clássicas, cortinas de veludo etc. A postura e a expressão transmitem dignidade. (BURKE, 1994, p. 31)



Retrato de Luís XIV de Hyacinthe Rigaud¹

Tomando como base os códigos de representação da pintura, e fundamentada na exatidão das formas e na finalidade do registro, a fotografia possibilitou um novo olhar sobre o sujeito e a natureza. Da sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens.

Flusser (2002), ao refletir sobre a fotografia, aponta que ela é a base de todas as imagens geradas tecnicamente. Etimologicamente, fotografar significa escrever com luz. Por

¹ Retrato de Luís XIV de Hyacinthe Rigaud, óleo sobre tela, c.1700. Louvre, Paris

trás da aparente simplicidade da imagem existe um conteúdo simbólico, repleto de significações, que pretende se comunicar diretamente com o imaginário do receptor.

O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizem* eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, própria a toda mediação, nela se manifesta de forma incomparável. (FLUSSER, 2002, p. 8)

O autor considera a imagem técnica, aquela produzida por aparelhos, como a “meta de todo ato, este deixa de ser histórico, passando a ser um ritual de magia”, visando a eternizar-se por uma magia programada, através da mediação de aparelhos. (FLUSSER, 2002, p. 18)

Para esse especialista, a fotografia, como todas as imagens técnicas, não representam o mundo, mas conceitos relativos ao mundo e são resultado da imaginação, de uma capacidade de fazer e decifrar imagens. Para decifrar esses conceitos abstraídos em imagens, segundo acentua, é necessário deixar o olhar vaguear pela superfície da imagem, a circularidade, é o tempo do eterno retorno. (FLUSSER, 2002, p. 7-8)

Philippe Dubois, ao refletir sobre a fotografia, em sua obra “O Ato Fotográfico” (1994) entende que esta seja uma imagem associada a um ato inseparável de sua enunciação e de sua recepção. Dessa forma, todo esse cenário, tudo o que envolve o ato fotográfico - o fotógrafo, o aparato técnico, a cena e seus atores e, por fim, o espectador faz parte do processo de significação.

É na teoria peirceana que Dubois (1994) encontra o conceito de *indicialidade* existente na própria fotografia. O autor propõe uma nova abordagem da construção do realismo das imagens técnicas em que o ponto central é o conceito de tempo, construído culturalmente, mas que escapa da intervenção humana já que é uma condição dessa imagem instantânea.

Baseia-se nas três categorias básicas peirceanas: o **índice** como “representação por contigüidade física do seu signo com seu referente”; o **ícone** como “representação por semelhança”; o **símbolo** como “representação por convenção geral”.

Essa referencialização da fotografia inscreve o meio no campo de uma pragmática irreduzível: a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda. Sua realidade primordial nada diz além de uma afirmação de existência. A foto é em primeiro lugar **índice**.

Só depois ela pode tornar-se parecida (**ícone**) e adquirir sentido (**símbolo**).
(DUBOIS, 1994, p. 53 – grifo nosso)

O autor defende que numa foto ou numa imagem cinematográfica, a relação com o objeto representado é indicial, ou seja, a pessoa precisou se posicionar em frente às câmeras para que sua imagem ficasse registrada. Já numa pintura era possível fazer apenas o esboço a partir do modelo, e terminar a pintura sem ele.

Ao refletir sobre a imagem cinematográfica, o autor acrescenta se que as possibilidades e as potencialidades de representação do real advindas da fotografia já eram grandes, pois permitiam a permanência do registro do passado no futuro, o cinema transforma o modo de compreender o mundo, pois a imagem cinematográfica não apenas registra o fato, como o faz a imagem fotográfica, mas o restitui em seus movimentos.

A acessibilidade da construção imagética configura-se como uma das vigências da Pós-modernidade e é nesse contexto em acessão que se encontra a popularização do vídeo.

No entanto, esse dispositivo utilizado por outras mídias que, ao mesmo tempo, pode ser compreendido como um meio de expressão lingüístico e artístico em crescente expansão sofre problemas de identidade. Partindo deste pressuposto, Dubois em sua obra “Cinema, Vídeo, Godard” (2004) afirma que:

O termo “vídeo” acaba funcionando, em suma. Como espécie de sufixo – ou de prefixo (sua posição sintática flutua) -, aparecendo antes ou depois de um nome. [...] *Video*, assim sem acento é também, de um ponto de vista etimológico, um verbo (vídeo, do latim *videre*, “eu vejo”). Portanto, podemos dizer que o vídeo está presente em todas as outras artes da imagem. Seja qual for seu suporte e seu modo de constituição, todas elas estão fundadas no princípio infra-estrutura “eu vejo”. (DUBOIS, 2004, p. 71-72 – grifos do autor)

Para o autor, o surgimento do vídeo inovou ao trazer consigo a possibilidade de gravar som e imagem em um suporte de fita magnética com uma câmera portátil. Logo, a televisão e o cinema adotaram esse mecanismo como processo de circulação – um meio de comunicação. A imagem além de ser expressão artística transformou-se em informação e conhecimento. Expandiram-se por meio de jornais, revistas científicas e de entretenimento, televisão e fotografia.

Na ótica do especialista, a criação de imagens pela fotografia fixa e o fenômeno da ilusão de movimento reproduzido pela junção, lado a lado, de imagens subseqüentes mostradas de forma rápida, em conjunto com a possibilidade do envio de sons e discursos

articulados, com a descoberta das ondas de rádio, foram dois caminhos que paralelamente se uniram para criar um poderoso meio de comunicação como a televisão.

A televisão representou uma etapa fundamental para a disseminação de informação e cultura em grande escala. Rondelli (1994), em sua obra *Televisão: modos de ver, modos de dizer*, destaca que “o uso que o poder faz da televisão é visto como algo tão imperioso e definitivo, que a dominação obtida é dada como algo acabado, não havendo possibilidades de articulação de contra poderes”. (RONDELLI, 1994, p. 229)

Para Bourdieu (1997), ao analisar sobre a televisão, o estúdio e seus bastidores destaca que “com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo o mundo”. (BOURDIEU, 1997, p.16)

Sabe-se que para grande parcela da população, que não tem o hábito de ler, busca conhecimento e informação principalmente pela televisão, muitas vezes, tendo-as como única forma de se manter atualizado.

Nesse processo de evolução da imagem, com a contribuição da tecnologia, alguns desses meios de informação cresceram e conquistaram seus espaços antes inimagináveis. Passaram a trabalhar em sinergia para atender a necessidade inerente ao homem de entender o mundo a sua volta.

Essa condição pode ser entendida pela capacidade de os seres humanos, conforme postula Hall, em seu artigo “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, que somos “serem interpretativos, instituidores de sentido”. O especialista afirma que:

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesmo, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas relações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomadas em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda a ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997)

Nesse sentido, o autor discorre sobre a cultura em torno de suas centralidades “substantivas” e “epistemológicas”. Por centralidade substantiva, entende “o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular”. A centralidade epistemológica refere-se “à posição da cultura em relação às questões de conhecimento e conceitualização em como

a 'cultura' é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo". (HALL, 1997)

Proponho-me a focalizar especificamente os aspectos substantivos devido à sua importância e relevância para o decorrente trabalho, no qual o autor analisa a questão da revolução cultural em escala global, centrando-se no impacto da expansão da indústria cultural por intermédio da tecnologia e da informação.

O desenvolvimento cultural global influenciado pelo intermédio da mídia em face da aceleração da velocidade do tempo e da diminuição dos espaços resultam, segundo Hall, não de uma cultura única como sugerem alguns autores homogeneizadores mais extremos, mas, sim, de surgimento de "algumas alternativas híbridas, sintetizando elementos de ambas mas não redutíveis a nenhuma delas".

Todas essas transformações culturais se refletem no modo de vida local e no cotidiano das pessoas por intermédio dos meios de comunicação que, através da "informação acerca de – nossas imagens de – outros povos, outros mundos, outros modos de vida, diferentes dos nossos; a transformação do universo visual do meio urbano – tanto da imagem pós-colonial (...) quanto da metrópole do ocidente - através da imagem veiculada pela mídia". (HALL, 1997)

O autor, ao argumentar em torno da influência cultural aproximando as esferas da subjetividade e da objetividade - social e psíquico, explica que "a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um 'eu verdadeiro e único', mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós...". (HALL, 1997)

Na tarefa de entender o processo de inserção dos valores culturais de massa, a semiótica da cultura, de Iuri Lotman (1996) vem colaborar com os conceitos de texto cultural, memória e semiosfera, no sentido de permitir uma análise pelo qual textos culturais ativos na memória são articulados e repercutem na produção cultural.

O universo semiótico ou a semiosfera possui um caráter abstrato e pode ser considerado como "um conjunto de textos e linguagens distintos", que forma um "mecanismo único" ou "um organismo vivo". "A semiosfera é o espaço semiótico fora do qual é impossível a existência até mesmo da semiose". (LOTMAN, 1996, p.24)

Podemos entender o telejornalismo como texto da cultura e como tal tem a capacidade de reconstituir lembranças da história da humanidade em cultura.

Os textos tendem à simbolização e se convertem em símbolos integrais. Os símbolos adquirem uma grande autonomia de seu contexto cultural e funcionam não somente no corte sincrônico da cultura, mas também na diacronia verticais desta. (LOTMAN, 1996, p. 89 – tradução nossa)

Ao comentar sobre a dualidade funcional dos textos no sistema da cultura, o autor discorre:

No sistema geral da cultura dos textos cumprem pelo menos duas funções básicas: a transmissão adequada dos significados e a geração de novos sentidos. Nenhuma cultura pode funcionar sem metatextos e sem linguagem artificiais. A cultura como parte da história da humanidade, por um lado, é o habitat dos homens, por outro, se acha em constante contato com o mundo situado fora dela e experimenta a influência deste. Esta influência determina a dinâmica e os tempos de seus câmbios. (LOTMAN, 1996, p. 56 – tradução nossa)

O texto é um espaço semiótico no qual “interatuam, interferem-se e se auto-organizam hierarquicamente as linguagens” (1996, p.97). Para Lotman a cultura é um “sistema complexo, hierarquicamente organizado” (1996, p. 102). Da mesma forma que as linguagens se organizam hierarquicamente no texto, os textos também se organizam hierarquicamente na cultura (1996, p. 102). Essa organização hierárquica explica porque alguns textos repercutem mais que outros, por que alguns elementos da memória se tornam mais dominantes que outros.

Os Jogos Olímpicos traduzem um dos eventos históricos que ocupam certa hierarquia sobre o conjunto de textos da memória cultural, o que explica sua constante reprodução e sua influência estruturante sobre os textos contemporâneos, especialmente os da mídia.

2. Telejornalismo

2.1 – Estratégias Narrativas

O mundo contemporâneo vive sob a constante influencia de informações e imagens possibilitadas pelos meios impressos e eletrônicos que trazem às diferentes sociedades transformações no cotidiano das pessoas. A televisão é o principal mediador da realidade e é por meio dela que nos atualizamos diariamente.

Niklas Luhmann destaca que o espaço da programação que envolve o campo das notícias e reportagens é resultado da “elaboração e processamento de informações”. (LUHMANN, 2005, p. 53)

Mar de Fontcuberta identifica dois espaços nos meios de comunicação:

o espaço redacional, que inclui todo tipo de mensagem informativa, de opinião ou entretenimento, ligado a uma atualidade imediata ou geral, tanto escritos, gráficos como audiovisuais, e o espaço publicitário, que inclui os avisos ou anúncios. A diferença fundamental de cada bloco é que o primeiro é decidido pelo meio e o segundo pelos anunciantes. (FONTCUBERTA, 2006, p. 55)

A autora, ao abordar os critérios de seleção do temário, destaca: “inclusão da notícia, exclusão da notícia, hierarquização da notícia, tematização da informação”. (FONTCUBERTA, 2006, p. 55)

As razões que norteiam a inclusão ou exclusão de um material noticioso são determinadas a partir da:

demanda de informação do público, interesse de um meio em transmitir a seu público determinados acontecimentos, o propósito de distintos setores da sociedade de informar o público, através dos meios, de determinados acontecimentos que sirvam a seus interesses. (FONTCUBERTA, 2006, p. 58)

O interesse do público e a noticiabilidade gerada pelos meios resulta no *valor-notícia*, que segundo Wolf (apud Fontcuberta, 2006, 66) é “o conjunto de elementos por meio

dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção da notícia”.

O poder que a mídia exerce sobre a sociedade, atuando como instrumento transformador da experiência pública e privada, pode ser observado especialmente nos telejornais. Esses programas informativos, cada vez mais, buscam uma interação com seu público por meio das novas tecnologias e do entretenimento.

Segundo Marcela Farré (2004), em sua obra “El noticiario como mundo posible”, ao abordar o noticiário como objeto discursivo cita Gianfranco Bettetini, que define o noticiário como uma:

conversação simbólica na qual o sentido é moldado e negociado por meio de texto (...) em relação a todo texto audiovisual. (...) um ‘programa de desenvolvimento’ de interação com o público que prevê uma aproximação com suas formas significantes por parte do espectador e contém dentro de si elementos para guiá-la e dirigi-la. (FARRÉ, 2004, p. 27 – tradução nossa)

A autora descreve os seguintes elementos que compõem o discurso do noticiário, dentre eles, os *emissores*, que são os enunciadores reais identificáveis empiricamente, o *autor modelo*, que é o enunciador cooperativo e que participa do processo de construção textual, os *narradores*, que são os narradores textuais e se apresentam como intermediário entre os espectadores e o texto noticiário e por último, os *personagens*, que são os protagonistas da informação. (FARRÉ, 2004, p. 27-28)

O telejornalismo usa de estratégias narrativas que associadas a aparatos tecnológicos sofisticados encontram uma aproximação com o real. A notícia é um meio de retratar práticas e idéias presentes no campo social, é a forma mais próxima do cotidiano, estabelecendo uma relação de causalidade entre o público e privado.

A televisão, toda vez que conta, nos conta: fala sobre como somos. Diz algo mais que informações ou possíveis histórias, narra os medos, as normativas culturais, estabelece critérios de sentido comum, fala de expectativas e desejos de uma comunidade, conta que condutas são censuráveis ou indesejadas, previne sobre o inesperado e ensina a se antecipar a esses acontecimentos (...). A televisão une as pessoas dispersas, mas também unifica, ‘normaliza’. A normalização vem, geralmente, pelo poder de difusão de um modelo social dominante, representado pelos grupos que tem acesso aos meios e conseguem que se generalize seu modo de entender o mundo; mas as conseqüências reais do consumo midiático derivam de múltiplas e diferentes condições de produção e recepção, que dão como resultado decodificações específicas. (FARRÉ, 2004, p. 151 – tradução nossa)

Os noticiários buscam gerar conteúdos que produzam sentido, “que sejam verossímeis a respeito do modelo objetivado da sociedade e ser historicamente verificáveis”. (FARRÉ, 2004, p. 156)

Luhmann, ao refletir sobre os acontecimentos sociais dentro de uma dimensão social, comenta que os “acontecimentos devem ser dramatizados como acontecimentos” e que sob esse processo tendem a fluir cada vez mais rápido, ocorrendo quase que ao mesmo tempo que os próprios acontecimentos”. (LUHMANN, 2005, p. 55)

Diferentemente da ciência, a informação não é refletida exhaustivamente a ponto de poder ser constatado – de uma forma verdadeira – que antes que seja afirmada a verdade a inverdade já foi excluída. O problema das informações não está nesse ponto, mas na seleção, e isso tem conseqüências de grande alcance para aquilo que se poderia dominar ‘criação de um clima’ mediante os meios de comunicação. (LUHMANN, 2005, p. 71)

O autor aponta três setores (o que ele chama de tripé) dos meios de comunicação - Jornalismo, Publicidade, Entretenimento – que contribuem para o processo de criação da realidade.

No campo jornalístico, a notícia apresenta uma realidade a partir das práticas cotidianas, “condensações de sentido, temas, objetos surgem” para atribuir significações aos fatos. “Eles são produzidos no contexto recursivo das operações do sistema e não dependem da confirmação do meio externo”. (LUHMANN, 2005, p. 71-72)

A publicidade se baseia em meios psicológicos para alcançar seus objetivos, e lida com a tendência crítica, mas a “atenção consciente só é solicitada num período extremamente curto, de tal forma que não sobra tempo para uma apreciação crítica ou para uma decisão pensada. (...) O sistema dos meios de comunicação tem, também aqui, uma *função própria* e esta deve-se localizar na *estabilização da relação entre redundância e variedade na cultura cotidiana*”. (LUHMANN, 2005, p. 83-91, grifos do autor)

O terceiro elemento do tripé, o entretenimento, que recebe uma análise baseada na idéia de jogo e dos elementos lúdicos do ser humano, “o jogo é uma duplicação geral da realidade no qual tomada como jogo é separada da realidade normal, sem que essa última precise ser negada”, o jogo possui referencias da realidade. O entretenimento em distinção do jogo é analisado pelo autor a partir da idéia de Jacques Derrida:

o trecho da realidade no qual se constitui o segundo mundo é marcado tanto óptica quanto acusticamente: como livro, como imagem de televisão, como conseqüência ostensiva de ruídos, especialmente elaborada, que, nessas

condições, são percebidos como ‘sons’. Essa moldura externa faz então surgir um mundo no qual passa a valer a realidade ficcional própria. Um mundo! – e não apenas, como nos jogos sociais, uma seqüência de comportamentos socialmente regulada. (LUHMANN, 2005, p. 95)

Dessa forma, o uso dos meios de comunicação na veiculação de discursos a partir de universos simbólicos, constrói uma realidade seguindo alguns critérios/seletores, na fabricação das notícias que, segundo Luhmann (2005), envolvem: informação nova, conflitos, quantidades, relevância local, escândalos, transgressões as normas seguido de julgamentos, violações seguido de formação de opiniões, atualidade/recursos, manifestações de opiniões, além de seleções reforçadas pelas organizações. (LUHMANN, 2005, p. 57-69)

A velocidade da informação, proporcionada em larga escala pelos diversos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica, obriga os jornalistas a recorrer ao que Gaye Tuchman, socióloga norte-americana, chamou de “news judgement” para criar a notícia de forma objetiva. Em seu artigo “A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas” Tuchman define a objetividade como ritual estratégico praticado pelos jornalistas. Ela cita alguns parâmetros que devem ser observados para alcançar a objetividade, são eles, “a forma, o conteúdo e as relações interorganizacionais”. (TUCHMAN, 1993, p. 74)

Um ritual é analisado aqui como um procedimento de rotina que tem relativamente pouca relevância ou uma relevância tangencial para o fim procurado. A adesão ao procedimento é frequentemente obrigatória. O fato de um tal procedimento poder ser o meio mais conhecido de se chegar ao fim que se procura não deprecia sua caracterização como um ritual. (TUCHMAN, 1993, p. 75)

Esse mesmo ritual, segundo a autora, é também estratégia, uma vez que “denota a tática ofensiva destinada a prevenir o ataque ou a defletir, do ponto de vista defensivo, as críticas”. (TUCHMAN, 1993, p. 75)

Desse modo, a autora acentua quatro procedimentos estratégicos principais para alcançar a objetividade. O primeiro deles é a “apresentação de possibilidades conflituais”, ou seja, a utilização de afirmações contraditórias como forma de se aproximar da verdade. O segundo, “a apresentação de provas auxiliares”, consiste na “localização e citação de ‘fatos’ suplementares, *que são geralmente aceitas como ‘verdadeiros’*”. O “uso judicioso das aspas” é o terceiro procedimento, e também pode ser considerado uma forma de prova suplementar, já que, “ao inserir a opinião de alguém, eles (os jornalistas) acham que deixam de participar das notícias e deixam os ‘fatos falarem’”. Por fim, surge “a estruturação da informação numa

seqüência apropriada”, considerado pela autora como “o aspecto formal mais problemático da objetividade para o jornalista”. (TUCHMAN, 1993, p. 79-83)

O diferencial do telejornalismo é a sua competência em mostrar os fatos do mundo, pela combinação entre as narrativas e as imagens capturadas pelas câmeras, que representam um fragmento do mundo.

Mouillaud ressalta que a própria informação é uma figura de visibilidade:

Ao mesmo tempo em que a figura tem uma profundidade, um aquém a que se refere, ela é um relevo: promover uma imagem ou uma informação é destacar do real uma superfície, um simulacro (na linguagem estóica da percepção) que vêm à frente com relação a um fundo sem imagem. (MOUILLAUD, 2002, p. 37)

Para o autor, as notícias, como imagens dos acontecimentos, promovem a visibilidade do real que constroem. Nesse processo, é delimitado “um campo e um fora de campo; o quadro determina o que deve ser visto”; e focaliza-se “a visão no interior de seus limites, ele a unifica em uma cena; os dados isolados pelo quadro tendem a solidarização entre eles”. (MOUILLAUD, 2002, p. 43)

Com isso, o Jornalismo determina o que pode ser mostrado e o que deve ser visto, pois ao “dizer que a imagem é um ‘fenômeno’, é dizer que é um acontecimento advém do real, que as coisas não possuem sua representação. Esta última não está nelas alojada de maneira alguma, não mais que a informação é uma propriedade do real”, assim, qualquer dispositivo de visibilidade é também de invisibilidade. (MOUILLAUD, 2002, p. 45)

A função social dos meios de comunicação (...) não se encontra na totalidade das informações sempre atualizadas, mas na memória produzida por meio disso. Para o sistema social, a memória consiste no fato de, em cada comunicação, se poder tomar como conhecidas algumas suposições determinadas sobre a realidade, sem precisar introduzi-las ou justificá-las expressamente. (...) Os trechos de realidade cada vez que são tratados (os temas) são sobrepostos por uma segunda realidade, que não tem compromisso com o consenso. (LUHMANN, 2005, p. 114)

O Jornalismo, convertido num dispositivo produtor de realidades discursivas, com o propósito de apresentar os acontecimentos do mundo, não traz certamente a realidade em seu conceito, mas uma realidade seletiva que depende da validação, por parte do leitor, do reenvio que fazem aos seus referentes. Nas palavras de Tuchman:

Dizer que uma notícia é uma ‘estória’ não é de modo nenhum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. (TUCHMAN, 1993, p. 262)

2.2 - Telejornalismo e a Narrativa ficcional: os gêneros

Em seu texto “Introdução à Análise Estrutural da Narrativa” (...), Roland Barthes descreve a ocorrência da narrativa na vida humana:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas as substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novel, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. Além disso, sob estas formas quase infinitas, a narrativa esta presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos tem suas narrativas. (BARTHES, 1972, p. 18)

As narrativas com todos seus aspectos contribuíram para a construção e preservação da memória cultural e social da sociedade.

o noticiário conta uma história, narra uma visão do mundo do telespectador. Cada notícia também formula uma narração que compreende uma enunciação e um enunciado. O primeiro é o discurso que inclui ao condutor como parte do texto e centra nele o aspecto comentativo; o segundo seria o texto ao que o condutor da passagem e molda um relato independente, centrado no narrativo. (FARRÉ, 2004, p. 29 – tradução nossa)

Os programas jornalísticos da televisão se caracterizam pelo uso da linguagem narrativa. Ao narrar acontecimentos ou fatos que aconteceram nas mais diversas partes do mundo, a televisão vai construindo histórias de vários gêneros (esportes, moda, violência, economia) que podem ser tanto nacionais como internacionais. Todas essas informações divulgadas se interligam e aos poucos constroem ou transformam a história sócio-cultural de um país.

Narrativas que envolvem temas sobre heróis e bandidos são transformados mais facilmente em notícias pelos telejornais. Muitas vezes o telejornal tem mais ficção que a própria novela (conhecida pelo seu caráter ficcional). Mas a notícia por ser uma construção de uma representação de um real possível assume um papel muito mais influenciador gerando um grande interesse do público.

Assim como acontece nas novelas, os telejornais narram histórias que são acompanhadas pelo telespectador, que torce por um determinado desenrolar dos fatos.

Como exemplo, podemos citar, dentro do universo olímpico realizado em Pequim 2008, todo o percurso da Tocha Olímpica e sua tumultuada trajetória ao redor do mundo.



Tocha Olímpica de Pequim²

O contexto que marcou os 130 dias anteriores ao início dos Jogos Olímpicos de Pequim, a transformação dos atletas que conduziram a Tocha em personagens, desta vez não como se participassem de um desfile, mas sim, de uma novela, no qual tinham que ser escoltados por policiais, e sofriam ataques que, na tentativa de apagar a Tocha, e de acordo com o local podiam ser mais ou menos intensos.

O processo do percurso da Tocha foi acompanhado por todos, e, no desenrolar da história, muitas opiniões e comentários foram surgindo, em meio a manifestações que torciam pela chegada intacta da Tocha e contra tais protestos ou indagações que favoreciam o lado dos protestantes, um esquema entre o bem e o mal, até finalmente, chegar ao seu destino em Pequim.

² Imagem da Tocha Olímpica de Pequim (Jornal Nacional).

Os telejornais possuem uma maior formalidade na apresentação das notícias, podendo ser percebida no texto verbal dos apresentadores e repórteres, no figurino, tom da voz, e expressão facial. As variações entre programas televisivos são determinados em função do gênero televisivo. De acordo com Jesus-Martin Barbero (1995):

o gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais de leitura. Enquanto as pessoas não encontram a chave do gênero, não entendem o que está se passando na história. (BARBERO, 1995, p. 64)

É pelo reconhecimento do gênero televisivo que o telespectador acompanha e se posiciona frente a programação televisiva. O receptor se posiciona frente a um determinado produto televisivo a partir de expectativas geradas pelo reconhecimento do gênero.

É na articulação, portanto, entre os elementos próprios da linguagem televisiva, do fazer jornalístico e da representação da cultura que acreditamos que se dê a configuração de um *gênero ou subgênero* específico dentro da programação televisiva e, conseqüência, os modos como ele, enquanto uma *estratégia de comunicabilidade* ou *estratégia de interação*, se endereça aos seus receptores. (GOMES, 2007, p. 20)

Para Daniel Chandler (2003), “os modos de endereçamentos podem ser definidos como as formas em que as relações entre o remetente e o destinatário são construídas em um texto. Para se comunicar, um produtor de qualquer texto deve fazer algumas suposições sobre um público-alvo; reflexos de tais pressupostos podem ser discernidos no texto (propagandas oferecem exemplos particularmente claro disso).”

Ao contemplar a existência de discursos televisivos, François Jost (2009) propõe a análise de gêneros televisivos a partir da interpretação em função de três mundos: o mundo real, o mundo fictício e o mundo lúdico.

Do mundo da realidade ao mundo fictício passando pelo mundo lúdico, a realidade é um tipo de horizonte sempre presente, mas o seu estatuto muda: de referente ou objeto necessário a interpretação, ela desliza do estatuto de modelo ou de índice, no caso da ficção, para aquele de ingrediente necessário, no caso do jogo. (JOST, 2009, p. 20)

Jost ao descrever as diferentes “promessas” de programas que visam a informação através da exposição da realidade, “o mundo real”, aborda – a restituição, o testemunho e a reconstituição. No qual a primeira promessa se apóia sobre a “natureza de dispositivo técnico e, em primeiro lugar, ao vivo, que seria ontologicamente ligado a realidade por razões

semióticas: porque ele guarda uma marca do real”, a segunda se apóia numa testemunha ocular que repousa “sobre a sinceridade e sobre a interioridade de uma memória que registrou os fatos”, e a terceira figura é a reconstrução de uma “causalidade”, se trata de explicar o “encadeamento dos fatos”. (JOST, 2009, p. 23-24)

2.3 - Comunicação e Esporte: O Jogo

Ao longo da evolução do homem, observa-se que sua trajetória é marcada pela construção de uma memória pautada por tradições, costumes, hábitos, rituais religiosos e valorização dos deuses que, na realidade, revelam como o homem lida com a linguagem, mais especificamente, com o simbólico no desenvolvimento cultural, distinguindo-se como racional. Estes mecanismos de transmissão de informação e valores têm atravessado a história da humanidade imprimindo sua força por meio da pintura, da religião, de jogos, de símbolos, de imagens, de esculturas e, muito mais recentemente, de fotografias e de filmes.

A mídia é um instrumento fundamental na configuração da cultura da vida em sociedade e repete, ainda que recorrendo aos mais avançados recursos da tecnologia, o mesmo movimento milenar – o homem se vale de referências para transmitir seu pensamento, inscrevendo-o na história não apenas de seus pares, mas das futuras gerações.

A busca de uma maior compreensão desse processo nos impõe uma leitura daqueles que se debruçaram sobre o tema cultura.

As imagens estão na base da formação do *Homo sapiens*. Na obra de Edgar Morin (1979) – *O enigma dos homens – o autor* chama a nossa atenção para os verdadeiros indícios da constituição do homem: a sepultura e a pintura. Vestígios cerimoniais nos túmulos antigos do *Homem Neandertal* sugerem a crença na vida pós-morte e a forte presença do mito e do mágico. Na pintura também é possível encontrarmos aspectos da “nascença do *homo sapiens*”, que com a representação gráfica encontrou uma forma de se comunicar e de se expressar, que marca nessa espécie a emergência de um pensamento mágico e mitológico, que supera imaginariamente a morte e outros problemas de sobrevivência.

Johan Huizinga (2005), em sua obra *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, aborda a questão da linguagem criada pelo homem como meio de poder se “comunicar, ensinar e comandar”, o autor associa a essa designação uma forma de “elevá-las

ao domínio do espírito”, como se o “espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e a coisa pensadas (...) em toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras (...) ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza”. (HUIZINGA, 2005, p.7)

O mito, no pensamento de Morin (1979), vai ao encontro do pensamento de Huizinga (2005) que o caracteriza como uma “imaginação” do mundo atribuindo um fundamento divino, e sugerindo que:

se observarmos o fenômeno do culto, verificaremos que as sociedades primitivas celebram seus ritos sagrados, seus sacrifícios, consagrações e mistérios, destinados a assegurar a tranquilidade do mundo, dentro de um espírito de puro jogo. (HUIZINGA, 2005, p. 7)

A relação dialógica que envolve as práticas rituais mágicas e artísticas do homem passa a constituir uma nova consciência objetiva e subjetiva, que estabelece a ligação com o aparecimento do homem imaginário; nessa perspectiva “mitologia e magia serão complementares e estarão associadas a todas as coisas humanas, até mesmo às mais biológicas (morte, nascimento) ou às mais técnicas (a caça, o trabalho)”. (MORIN, 1979, p. 108)

Ao aparecimento do homem imaginário, acrescenta-se indissolavelmente o aparecimento do homem imaginante. A arte, portanto, vai aplicar-se por um lado, a reproduzir formas e, por outro, a brincar de inventar formas. Esta reprodução e esta invenção vão (...) satisfazer um prazer e uma emoção propriamente estéticos. Podemos supor que o *homo sapiens* pré-histórico conhece e busca o prazer estético. A partir do momento em que toda e qualquer coisa tem uma existência dupla, uma delas objetiva e ligada às operações práticas, a outra subjetiva e mental, ele pode, então, seja combinar, por um lado o aspecto utilitário e prático das coisas e, por outro, o sentimento agradável que suas formas podem suscitar. (MORIN, 1979, p. 110)

A estética de que fala Morin (1979) vai além do campo artístico, essa sensibilidade estética vai surgir no sentido de prazer, uma sensação de satisfação, de sublime; ela “ultrapassa amplamente o campo das formas visuais e abre-se aos aromas a aos perfumes, às formas sonoras (ritmos, música, canto) e à expressão corporal (dança)”, alimentando o imaginário e deixando-se ser alimentada por ele. Essa relação do ser humano com a combinação das formas é uma maneira de entrarmos em “ressonância, em “harmonia”, em sincronia com sons, aromas, formas, imagens, cores produzido em profusão não só pelo universo, mas também, já então, pelo *homo sapiens*”.

A relação texto e imagem presente na mídia telejornalística aponta uma qualidade compositiva extremamente significativa referente ao caráter lúdico no modo como essa relação com o real é trabalhada. Neste sentido, o arranjo sógnico construído a partir do jogo de interlocuções instituído pela participação, cada vez mais intensa do receptor, pode ser refletido por intermédio do contexto olímpico exposto pelo telejornalismo.

No caso dos Jogos Olímpicos, a construção desse universo é proporcionado, principalmente, pela relação texto e imagem feita pela televisão com o intuito de criar condições de diversão, festa e espetáculo, que pode ser marcada pelo entretenimento, na qual o telespectador é inconscientemente inserido no fenômeno do jogo.

Huizinga (2005) relaciona a essência do jogo com a intensidade e a capacidade de excitar e fascinar por meio da valorização do lúdico na formação cultural. O semioticista tcheco, Ivan Bystrina (1995) também acredita que as raízes da cultura encontram-se nos jogos e nas atividades lúdicas, mas também acrescenta outro fator fundamental, os sonhos.

Tal como propõe Huizinga (2005), o jogo é um fenômeno que antecede a própria cultura, uma vez que a atividade lúdica e a brincadeira também podem ser observadas junto aos animais.

(...) reconhecer o jogo é, forçosamente, reconhecer o espírito, pois o jogo, seja qual for sua essência, não é material. Ultrapassa, mesmo no mundo animal, os limites da realidade física. Do ponto de vista da concepção determinista de um mundo regido pela ação de forças cegas, o jogo seria inteiramente supérfluo. Só se torna possível, pensável e compreensível quando a presença do espírito destrói o determinismo absoluto dos cosmos. A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana. Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa a mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional. (HUIZINGA, 2005, p. 6)

O autor ainda afirma que o jogo:

Ornamenta a vida, ampliando-a, e nessa medida torna-se uma necessidade tanto para o indivíduo, como função vital, quanto para a sociedade, devido ao sentido que encerra, à sua significação, a seu valor expressivo, as suas associações espirituais e sociais, em resumo, como função cultural. (HUIZINGA, 2005, p. 12)

O jogo, segundo o autor, é uma atividade paralela ao cotidiano. “O jogo lança sobre nós um feitiço: é ‘fascinante’, ‘cativante’. Está cheio das duas qualidades mais nobres que

somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia”. Possui tempo e espaço definidos, “joga-se até que se chegue a um certo fim”, e a sua execução é feita a partir de regras pré-definidas, que são “absolutas e não permitem discussão”. (HUIZINGA, 2005, p. 14)

Numa tentativa de resumir as características formais do jogo, poderíamos considerá-lo uma atividade livre, conscientemente tomada como “não-séria” e exterior a vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem de certas regras. (HUIZINGA, 2005, p. 16)

Na ótica do autor, o jogo é capaz de promover a formação de grupos sociais que tendem a partilhar segredos, confirmando “sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes”. (HUIZINGA, 2005, p. 16)

Os símbolos, a cerimônia de abertura, o espírito esportivo, as imagens e a própria narrativa dos Jogos Olímpicos reproduzem um universo histórico que reflete na memória cultural pelo entrelaçamento entre textos relativos à paz, à competição e à miscigenação entre culturas.

Lotman discorre que “a cultura, em sua totalidade, pode ser considerada como um texto (...) um texto complexamente organizado que se decompõe em uma hierarquia de ‘textos nos textos’ e que forma complexos entrecruzamentos de textos.” (LOTMAN, 1996, p. 109)

O telejornal, ao abordar o tema dos Jogos Olímpicos, hierarquiza-o como texto prioritário das notícias do dia. Todos os olhos são voltados para o universo olímpico criado naquele tempo – espaço. O reconhecimento desse texto muitas vezes é feito pela ilustração de símbolos que envolvem a memória olímpica. Segundo Lotman, a “mais habitual idéia do símbolo está ligada a certo conteúdo que, por sua vez, serve de plano de expressão para outro conteúdo, ajustando-o de forma mais valiosa culturalmente”. (LOTMAN, 1996, p. 144)

A capacidade de conservar em forma condensada de textos extraordinariamente extensos e importantes se conservaram graças aos símbolos. (...) A memória do símbolo sempre é mais antiga que a memória do seu entorno textual no simbólico. (...) Sendo um importante mecanismo da memória da cultura, os símbolos transportam textos, esquemas de sujeito e outras formações semióticas de uma camada da cultura a outra. (LOTMAN, 1996, p. 145 – tradução nossa)

Ainda sobre a natureza do símbolo:

Por uma parte, ao atravessar a espessura das culturas, o símbolo se realiza em sua essência invariante. Em esse aspecto podemos observar sua repetição. O símbolo atuará como algo que não guarda homogeneidade com o aspecto textual espacial que o rodeia, como um mensageiro de outras épocas culturais (= outras culturas), como um lembrete dos fundamentos antigos (= ‘eternos’) da cultura. Por outra parte, o símbolo se correlaciona ativamente com o texto cultural, se transforma sob sua influência e, por sua vez, o transforma. Sua essência invariante se realiza pelas variantes. Precisamente em esses câmbios a que é submetido o sentido ‘eterno’ do símbolo em um contexto cultural dado, é onde esse contexto põe de manifesto a maneira mais clara sua mutabilidade. (LOTMAN, 1996, p. 146 – tradução nossa)

Na medida em que essa a história é reproduzida nos textos culturais de massa, os eventos passam a ganhar força. A memória hierarquiza os textos a partir da sua disponibilidade e poder de influência, “os textos atuais são iluminados pela memória”. (LOTMAN, 1996, p. 158)

A narrativa, a partir dos signos históricos e dos elementos da memória dos Jogos olímpicos, constrói na sociedade uma estrutura cultural com valores ideológicos eventualmente vinculados ideologia da paz, competição e superação.

O mito alimenta a recordação, o culto e a presença do antepassado, mantendo, por isso mesmo, a identidade coletivo–individual. Este tema do antepassado, das origens e da genealogia retorna sempre, obsessivo, nos símbolos, nas tatuagens, nos emblemas, nos adornos, nos ritos, nas cerimônias, nas festas. (MORIN, 1979, p. 169)

Morin (1979), também abrangendo os códigos culturais, comenta a integração sócio-cultural voltada a proliferação dos mitos, ritos e magias que acabam por consagrar determinadas regras na sociedade.

2.4 O telejornalismo e a criação de heróis

A memória do esporte inicia-se a partir dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga. As guerras eram interrompidas nessas ocasiões, a cidade era paralisada para se acompanhar os

jogos, local de festas e comemorações onde os vencedores eram homenageados com presentes e glorificados com estátuas.

Tambucci (1997) postula que a retomada da tradição das Olimpíadas deve-se ao pedagogo Barão Pierre de Coubertin, membro da aristocracia francesa que, por volta de 1896, fez ressurgir os ideais olímpicos, de união entre os povos. O esporte da era moderna passa a ser expressa na competição entre performances atléticas e de resultados, submetido a regras fixas. È a consolidação entre a tradição oriunda da Grécia Antiga e a espetacularização do esporte.

A cobertura de eventos esportivos tem ganhado cada vez mais espaço nos meios de comunicação mundiais. O espaço dado pelas emissoras de televisão ao tema esportivo é consequência da espetacularização que o objeto em questão promove. Eventos como os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo, a Fórmula 1, provocam uma cobertura jornalística maior, gerando mercado, patrocínio, consequentemente, rendendo capital para aqueles envolvidos no cenário esportivo.

A cobertura telejornalística de eventos esportivos, como as Olimpíadas, através da veiculação de imagens e notícias durante a toda realização do evento, produz informações, sentidos e significados simbólicos acerca do esporte e do evento.

O interesse dos meios de comunicação na cobertura de eventos esportivos se deve ao fato do grande interesse e a identificação do público pelo esporte e seus valores, como, persistência, dignidade, força.

No Jornal Nacional, o entretenimento se manifesta principalmente pelos recursos da linguagem televisiva através da “estetização e plasticidade do acontecimento a partir de jogos de imagem”. (Borelli, 2002, p.15)

Uma forma de utilizar os recursos da linguagem televisiva é complementando o sentido do texto. O cenário, feito por computação gráfica com imagens representativas do símbolo dos Jogos Olímpicos de Pequim e do “quadro de medalhas”, são usados para caracterizar e dar ênfase ao tema olímpico.

William Bonner³Quadro de Medalhas⁴

A escolha pelo esporte justifica-se, pois “as colunas esportivas refletem os imaginários, os desejos, as escolhas da opinião pública, instituindo identidades, construindo vínculos com os leitores”. (BORELLI, 2002, p. 5)

Borelli (2002) afirma que o esporte é de fundamental importância para a área jornalística, pois a cultura brasileira está envolvida por ele. À medida que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço.

A semelhança dos campeões ilustres com os astros de cinema é significativa. A sedução que exercem sobre a multidão tem as mesmas causas: necessidade de um herói que triunfe sobre as dificuldades que nós próprios sofremos e com quem a identificação seja possível, mesmo fácil. Os campeões permanecem heróis populares porque são quase sempre de origem modesta. Ainda mais se eles obtiveram sucesso por meios leais, e que parecem oferecidos a cada um: bons músculos, destreza, tenacidade. Quanto mais sorte tiverem, mais serão amados pelos deuses e pelo povo. (MAGNANE, 1969, p. 99)

O atleta é humanizado pelo Jornal Nacional através de sua história de vida, perdas e vitórias. Segundo Viviane Borelli, o jornalismo “cultua o herói, constrói uma grande atorização a partir dos maiores ícones do mundo esportivo”, e “a partir desses múltiplos e variados movimentos, o jornalismo institui o esporte, levando-se em conta aspectos simbólicos e culturais dessa prática”. (Borelli, 2003, p. 3)

O nadador César Cielo foi um dos destaques nos Jogos Olímpicos de Pequim, declarado como um novo herói olímpico, Cielo conquistou a primeira medalha de ouro da história da natação brasileira e o primeiro ouro em Pequim.

³ William Bonner, apresentador do Jornal Nacional.

⁴ Exemplo do Quadro de Medalhas referente aos Jogos Olímpicos de Pequim.



César Cielo⁵

Era um sonho meu de criança. Nunca imaginei que eu fosse chegar onde eu estou hoje. Eu sou campeão olímpico⁶. (César Cielo, *Jornal Nacional*, edição 16/08/2008)

Os heróis tornaram-se o ponto de identificação do consumidor-telespectador do espetáculo esportivo contemporâneo, preenchendo o imaginário coletivo. O herói tem uma missão a cumprir. Um exemplo disso é a trajetória da atleta Maurren Maggi nos últimos anos, que se alternou entre glória e decepção.

Maggi, que em 2003, no auge de sua carreira, antes do embarque para o Pan de Santo Domingo, foi flagrada no exame anti-doping, ao ser encontrada uma substância proibida – chamada clostebol – que segundo a atleta estava numa pomada cicatrizante, mas tal argumentação não adiantou, e teve que ficar dois anos suspensa.

Passado aconteceu e foi bom para todo mundo aprender que tem que prestar atenção no que passa, com o que bebe, no que usa (...). Há males que vem pra bem. Acredito muito nisso. Porque hoje eu tenho a minha preciosidade que é a Sofia⁷. (Maurren Maggi, *Jornal Nacional*, edição 02/08/2008)

⁵ César Cielo ao ganhar o ouro em Pequim, edição do *Jornal Nacional* do dia 16/08/2008.

⁶ Entrevista realizada com o nadador olímpico César Cielo pela equipe do *Jornal Nacional*, na edição do dia 16/08/2008.

⁷ Entrevista realizada com a atleta olímpica Maurren Maggi pela equipe do *Jornal Nacional*, na edição do dia 02/08/2008.

Maggi quase abandonou definitivamente o atletismo, mas acabou mudando de idéia com uma meta: o pódio em Pequim, que foi conquistado através de um excelente salto, garantindo a medalha de ouro, em sua vida e para o Brasil.



Maurren Maggi⁸

O reconhecimento do herói pela sua glória diferencia-o de um simples ser, fixando sua imagem mítica, o que legitima a idéia de que o jornalismo ajuda a criar a imagem de atletas-heróis.

Cada recurso da mídia tem características determinadas para garantir a amplitude de sua comunicação, existindo entre eles uma espécie de complementaridade. Há, na atualidade, maiores facilidades para agradar o público e torná-lo mais participativo da programação. Esse aspecto, indiscutivelmente, alimenta o imaginário e a memória e, ao mesmo tempo, faz sentido nesses mesmos lugares, na medida em que o sentido reflete sobre os mesmos lugares de onde significa. Em outras palavras, o discurso que heroiciza se faz ouvir na voz do próprio esportista e, ao mesmo, o convence de sua própria heroicização. (TAMBUCCI, 2000, p. 67-68)

As conquistas dos atletas são a sustentação constante de suas imagens na mídia. A perseverança, a coragem, a energia, suas superações e garra são alguns atributos para a construção da imagem heróica dos atletas.

⁸ Maurren Maggi após ganhar o ouro em Pequim, edição do Jornal Nacional do dia 22/08/2008.

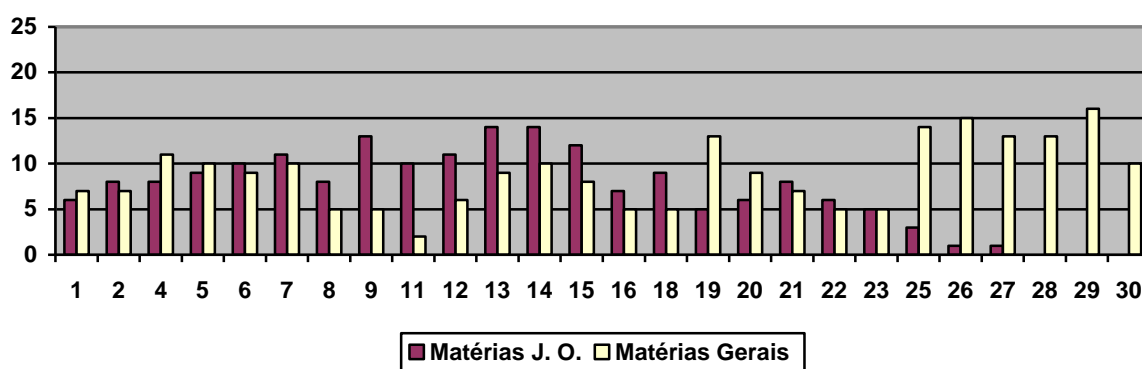
3. Olimpíadas e China no Jornal Nacional

O Jornal Nacional

A intenção da pesquisa é analisar o discurso de matérias telejornalísticas buscando perceber como o Jornal Nacional, por ocasião dos Jogos Olímpicos de 2008, constrói imagens relacionadas à representação da China, que somam aspectos tradicionais e contemporâneos por meio da utilização de recursos narrativos que evidenciam contrastes e processos de mudança no país.

3.1. Parte I - Análise

O recorte da pesquisa foi feito a partir de uma série de matérias veiculados no programa Jornal Nacional da Rede Globo, durante o período da realização dos Jogos Olímpicos de Pequim – Agosto de 2008 – o que proporcionou a verificação da atenção voltada para o objeto em questão (Quadro 1).



Quadro 1 – Gráfico referente as matérias jornalísticas do Jornal Nacional no período do mês de agosto de 2008 – período da realização dos Jogos Olímpicos de Pequim.

Após essa divisão (Quadro 1), e tendo em vista que os Jogos Olímpicos de Pequim aconteceram no período de 08 a 24 de agosto de 2008, observamos que as notícias esportivas tornaram-se mais frequentes nos dias que antecederam o evento e no decorrer das competições. A cobertura dos Jogos ocupou um espaço relativamente grande, em torno de 44% na programação diária da emissora, sendo que os picos foram observados principalmente no início do evento, em que mais da metade das notícias estavam voltadas para a cobertura dos Jogos.

3.2. Parte II – Análise

Ao isolarmos essas matérias jornalísticas com conteúdo referente ao tema olímpico se fez necessário uma nova divisão, conforme suas especificidades; 1) Sócio-cultural chinês, 2) Política/ China, 3) Evento/ Cerimônia de Abertura, 4) Seleção ou atletas brasileiros, 5) Seleção ou atletas de outros países, 6) Brasil na China, 7) Acontecimentos gerais ou fatos da China, o que nos proporcionou uma análise na temática de cada grupo. Os grupos temáticos foram deduzidos a partir do conjunto das matérias veiculadas no Jornal Nacional.

1) Matérias referente a sociedade e a cultura chinesa

Sócio-Cultural chinês	
edição 01/08/2008	O jeito chinês para evitar furto de bicicletas
edição 02/08/2008	Os brasileiros filhos de chineses que migram para a terra dos pais em busca de riqueza
edição 02/08/2008	O hábito chinês de tirar uma soneca em lugares públicos
edição 05/08/2008	O hotel mais luxuoso de Pequim abre suas portas
edição 06/08/2008	Pianista chinês Lang Lang é fã do futebol brasileiro
edição 07/08/2008	Mulheres chinesas gostam de se esconder do sol
edição 08/08/2008	Chineses correm para se casar neste dia 8 de agosto
edição 14/08/2008	As delícias do tradicional pato de Pequim
edição 25/08/2008	Olimpíadas transformam a China para sempre

Análise: A diversidade cultural da China revelou fatos curiosos sob o ponto de vista comportamental, como por exemplo, o fato dos chineses terem como tradição o reconhecimento do número 8 como o algarismo da sorte, o que os levou a definir o início dos jogos no dia 08/08/2008, essa mesma data também incentivou o aumento do número de casamentos, totalizando cerca de 17 mil casais. Um ano antes nesse mesmo dia 08/08 foram realizados pouco mais de 3 mil.

O cuidado com a aparência da pele das mulheres difere dos hábitos brasileiros, enquanto que as brasileiras preferem se expor ao sol para ter uma pele mais bronzeada, as chinesas se escondem do sol para manter a pele mais branca. “No Brasil, todo mundo quer ficar mais moreno, se bronzear e, na China, todo mundo foge do sol. Todas têm medo de pegar cor e querem ficar branquinhas⁹”, conta uma brasileira que mora na China.

A falta de segurança nas ruas, fez com que muitos chineses diminuíssem a conservação de suas bicicletas para evitar o furto. Uma grande quantidade de chineses não se importam em circular com suas bicicletas descuidadas, enferrujadas, com o pneu careca, o banco rasgado, caracterizando uma situação que desencoraja o roubo.

Outros hábitos chineses geram curiosidades, como a soneca em lugares públicos após o almoço; as comidas exóticas e os hotéis luxuosos também tiveram destaque na programação.

2) Matérias referente ao âmbito político chinês:

Política/ China	
edição 01/08/2008	Presidente chinês fala a imprensa internacional
edição 02/08/2008	Presidente do COI cobra da China acesso livre à internet durante os jogos
edição 04/08/2008	Atentado terrorista deixa a China em alerta
edição 05/08/2008	Jornalistas japoneses são agredidos na China
edição 07/08/2008	Bush critica o regime comunista da China
edição 07/08/2008	China: protesto armado para vítimas de atentado
edição 09/08/2008	Explosões na cidade de Kuga

⁹ “Mulheres chinesas gostam de se esconder do sol”. (Jornal Nacional, edição 07/08/2008).

Análise: As Olimpíadas serviram para que certas características da política chinesa fossem tema de discussão pelo mundo ocupando destaque na programação televisiva.

Há cinco anos no governo o presidente chinês Hu Jintao, em sua primeira entrevista coletiva internacional destacou que a sua preocupação era transmitir as idéias do sonho chinês de uma olimpíada de paz e harmonia capaz de promover a amizade e o entendimento entre os povos.

Por outro lado os atentados terroristas que aconteceram na China não atenderam a vontade do presidente chinês. Como por exemplo, o atentado pela independência de XinJiang. Além disso, autoridades internacionais como os presidentes Bush, EUA e Sarkozy, França criticaram a falta de liberdade do regime comunista.

A liberdade de expressão e o direito a informação, temas que ganharam espaço na mídia foram também contemplados pelas palavras do presidente do COI, Jacques Rogge, quando reforçou a importância ao acesso livre a internet durante os jogos destacando em entrevista: “Quando Pequim ganhou o direito de sediar os Jogos Olímpicos nós pedimos que a imprensa tivesse acesso total ao conteúdo da internet. Reiteramos esse pedido agora e o comitê organizador chinês nos garantiu que isso seria feito¹⁰”.

3)Matérias referentes ao Evento/Cerimônia de Abertura:

Evento/Abertura	
edição 02/08/2008	Mistérios e muitos fogos no ensaio de abertura dos Jogos de Pequim
edição 05/08/2008	China revela detalhes da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos
edição 06/08/2008	Tocha olímpica desfila pelas ruas de Pequim
edição 07/08/2008	Vila olímpica de Pequim abre suas portas para o mundo
edição 08/08/2008	Estão abertos os Jogos Olímpicos de Pequim
edição 13/08/2008	Organizadores tentam explicar truques usados na cerimônia de abertura
edição 15/08/2008	Mais uma atração da abertura dos Jogos é contestada

¹⁰«Presidente do COI cobra da China acesso livre à internet durante os jogos». (Jornal Nacional, edição 02/08/2008)

Análise: Nos dias que antecederam a abertura dos jogos havia uma expectativa da mídia, dos atletas, organizadores e do público em geral.

Por parte da mídia a preocupação era registrar detalhes da cerimônia, entretanto os organizadores criaram mecanismos para manter o suspense do espetáculo. Raros foram os momentos abertos a mídia. Muita música, tradição, mas nenhuma imagem tão reveladora, aguçando assim, a curiosidade geral.

Na Vila Olímpica a movimentação dos atletas em busca de suas acomodações e a preocupação de se familiarizar com esse novo ambiente foi acompanhada pela curiosidade em conhecer os diferentes costumes ali reunidos, “os chinesinhos dão as boas vindas para todo mundo que entra na Vila Olímpica. E o mundo todo entra na vila, de todas as cores, tamanhos e jeitos. Gente de tudo quanto é lado¹¹”.

A preocupação dos organizadores dos jogos com a imagem, a ética, e conduta entre outros aspectos se revelou na mídia quando esta destacou campanhas educativas com instruções básicas de comportamento “como não atirar nada na quadra, não xingar, não fazer bagunça e ir bem arrumadinho pro estádio, afinal, você estará no meio de um monte de gente. Não vá queimar o seu filme, nem o da China¹²”.

No dia 08/08/2008 o Jornal Nacional se concentrou no fato mais importante do momento – a cerimônia de abertura dos jogos. “É tanta beleza que os olhos não sabem para onde olhar. As mãos falam por si, o sorriso diz tudo. É mesmo de se espantar, uma revoada para dentro e para fora do ninho, marcada por uma sinfonia de luzes. Platéia eletrizada, iluminada. Festa de cair o queixo, impecável!¹³”

Apesar do destaque ao espetáculo a mídia não poupou críticas quando trouxe a questão da contestação dos truques usados na cerimônia, como as pegadas no céu com fogos de artifício que foram gravadas alguns dias antes devido a baixa visibilidade do céu em Pequim. Também a voz da menina que encantou o mundo durante a apresentação havia sido gravada por outra criança.

¹¹ “Vila olímpica de Pequim abre suas portas para o mundo”. (Jornal Nacional, edição 07/08/2008).

¹² “Mistérios e muitos fogos no ensaio de abertura dos Jogos de Pequim”. (Jornal Nacional, edição 02/08/2008).

¹³ “Vila olímpica de Pequim abre suas portas para o mundo”. (Jornal Nacional, edição 08/08/2008).

4) Matérias referentes a seleção ou atletas brasileiros:

Seleção ou atletas brasileiros	
edição 01/08/2008	Vitória enche seleção de otimismo (futebol)
edição 01/08/2008	Atleta brasileiro está em manifesto contra a China (salto)
edição 01/08/2008	Seleção de vôlei masculino chega ao Japão
edição 01/08/2008	Mais atletas brasileiros chegam a Pequim (ginástica, boxe, basquete)
edição 02/08/2008	Maurren Maggi promete medalha a filha
edição 02/08/2008	Marta e Ronaldinho Gaúcho já estão em Shenyang, a casa do futebol brasileiro na China
edição 02/08/2008	A dúvida de Diego Hypólito: competir em um ou dois aparelhos?
edição 04/08/2008	Seleção feminina de futebol conhece estádio de Shenyang
edição 04/08/2008	Thiago Silva pode ser cortado da seleção brasileira (futebol)
edição 05/08/2008	O movimento de atletas no aeroporto de Pequim (futebol)
edição 05/08/2008	Ronaldinho encara segunda chance de conquistar o ouro em Jogos Olímpicos
edição 05/08/2008	Judoca e jogador de handebol são cortados da delegação brasileira
edição 05/08/2008	Olimpíada começa com as duas melhores jogadoras de futebol do mundo em ação
edição 06/08/2008	Vôlei de Praia: Juliana está fora dos jogos e será substituída por Ana Paula
edição 06/08/2008	Diego Hypólito se apresenta em treino de pódio em Pequim
edição 06/08/2008	Seleção masculina de futebol estreia nas olimpíadas contra a Bélgica
edição 06/08/2008	Seleção feminina de futebol fica no 0 a 0 com a Alemanha
edição 07/08/2008	Andressa vai substituir Érika Miranda no judô
edição 07/08/2008	Juliana, do vôlei de praia, fala sobre as razões para abrir mão da vaga olímpica
edição 07/08/2008	A disputa por medalhas na ginástica começa sábado
edição 07/08/2008	Bernardinho discute com atletas no treino da seleção masculina de vôlei
edição 07/08/2008	Equipe brasileira de judô faz treino secreto
edição 08/08/2008	Futebol brasileiro vai mudar uniforme para os jogos
edição 09/08/2008	Seleção masculina disputa segunda partida de uniforme novo
edição 09/08/2008	Marta marca na vitória da seleção feminina contra a Coreia do Norte
edição 09/08/2008	Diego Hypólito está na final olímpica
edição 09/08/2008	Ciclista brasileiro suporta dores para completar prova
edição 09/08/2008	Vôlei feminino derrota Argélia com facilidade
edição 09/08/2008	Vôlei de praia estreia com vitória em jogo complicado
edição 11/08/2008	Famílias de judocas vibram com bronzes em Pequim
edição 11/08/2008	Bate-papo com dois heróis olímpicos do Brasil (judô)
edição 11/08/2008	Outros atletas vivem fortes emoções olímpicas (remo, natação, handebol, basquete)
edição 11/08/2008	Fátima Bernardes faz entrevista exclusiva com Bernardinho e Bruno
edição 11/08/2008	Seleção masculina de futebol se muda para Qinhuangdao
edição 11/08/2008	Seleção feminina de vôlei vence a temida seleção da Rússia
edição 12/08/2008	Tiago Camilo fala sobre a conquista do bronze
edição 12/08/2008	Família de Tiago Camilo vibra após noite em claro
edição 12/08/2008	Ketleyn Quadros curte o bronze em Pequim (judô)
edição 12/08/2008	Nasce o primeiro filho de Marcelinho do vôlei
edição 12/08/2008	Fátima Bernardes faz entrevista exclusiva com a nossa equipe de ginástica
edição 12/08/2008	Futebol brasileiro vai ter a torcida chinesa contra
edição 13/08/2008	Pais se orgulham do judoca Eduardo dos Santos
edição 13/08/2008	Vôlei de praia do Brasil tem boas perspectivas em Pequim
edição 13/08/2008	Levantador Marcelinho se emociona com as primeiras imagens do filho
edição 13/08/2008	Brasileira surpreende e vai à semifinal na canoagem slalom
edição 13/08/2008	Seleção feminina de basquete perde por um ponto e se complica

edição 13/08/2008	Seleção feminina de handebol perde para a Rússia e fica em situação difícil
edição 14/08/2008	Seleção de Dunga se prepara para pegar Camarões
edição 14/08/2008	Fátima Bernardes entrevista Ricardo Emanuel, do vôlei de praia
edição 14/08/2008	Edinanci é eliminada a uma vitória do bronze no judô
edição 14/08/2008	Boxeador brasileiro está a uma vitória da medalha olímpica
edição 14/08/2008	Seleção masculina de handebol faz jogo duro mas perde da Polônia
edição 14/08/2008	Equipe brasileira de tênis de mesa é eliminada das Olimpíadas
edição 14/08/2008	Seleção feminina de futebol disputa vaga na semifinal contra a Noruega
edição 14/08/2008	Sem Giba, Seleção de Bernardinho perde para a Rússia
edição 14/08/2008	César Cielo é bronze em prova nobre de natação
edição 15/08/2008	Jade faz história na ginástica brasileira
edição 15/08/2008	Força do ataque é o trunfo da seleção de Dunga para vencer Camarões
edição 15/08/2008	César Cielo pode se tornar o primeiro nadador brasileiro campeão olímpico
edição 15/08/2008	Seleção feminina de handebol vence no último segundo e mantém chances
edição 15/08/2008	Seleção feminina de futebol avança à semifinal
edição 15/08/2008	Meninas do vôlei brasileiro arrasam na quadra e na areia
edição 15/08/2008	Equipe brasileira de saltos vai bem no primeiro dia de provas
edição 16/08/2008	Brasil vence a Polônia no vôlei masculino
edição 16/08/2008	Giba volta ao time e seleção se recupera de derrota para a Rússia
edição 16/08/2008	Homens do vôlei de praia do Brasil seguem rumo às medalhas.
edição 16/08/2008	Fabiana Murer se classifica para final do salto com vara
edição 16/08/2008	César Cielo conquista o primeiro ouro para o Brasil nas Olimpíadas de Pequim
edição 16/08/2008	Brasil dá o troco em Camarões
edição 18/08/2008	Semifinal brasileira no vôlei de praia masculino
edição 18/08/2008	Jadel Gregório se classifica para a final do salto triplo
edição 18/08/2008	Meninas do futebol estão na final olímpica
edição 18/08/2008	Seleção brasileira enfrenta a Argentina na semifinal
edição 18/08/2008	Brasileiras conquistam medalha inédita na vela
edição 18/08/2008	Seleção masculina de vôlei vence a Alemanha e enfrentará a China
edição 18/08/2008	Fabiana Murer perde vara e se prejudica na competição
edição 18/08/2008	Fátima Bernardes entrevista Renata e Talita, que vão jogar contra Walsh e May
edição 19/08/2008	César Cielo tem recepção grandiosa em São Paulo
edição 19/08/2008	Dupla Renata e Talita vai disputar o bronze
edição 19/08/2008	Brasileiro se classifica para duas semifinais na canoagem
edição 20/08/2008	Márcio e Fábio Luiz estão na final do vôlei de praia
edição 20/08/2008	Seleção masculina de vôlei encara a Itália na semifinal
edição 20/08/2008	Seleção masculina de futebol está em Xangai para disputar o bronze no futebol
edição 20/08/2008	Brasil x Estados Unidos na final do torneio olímpico feminino de futebol
edição 21/08/2008	Dunga muda a Seleção para a decisão do bronze
edição 21/08/2008	Seleção feminina de vôlei faz história e vai à final
edição 21/08/2008	Jadel Gregório decepciona no salto triplo
edição 21/08/2008	Hipismo brasileiro fica fora do pódio em Pequim
edição 21/08/2008	Seleção feminina de futebol fica novamente com a prata
edição 21/08/2008	Robert Scheidt e Bruno Prada ganham a prata no iatismo
edição 21/08/2008	Márcio e Fábio Luiz vão atrás do ouro no vôlei de praia
edição 22/08/2008	Maurren será porta-bandeira no encerramento dos Jogos
edição 22/08/2008	Brasileira Maurren Maggi salta para a história
edição 22/08/2008	Prata e Bronze para o Brasil no vôlei de praia masculino
edição 22/08/2008	Brasil fica com bronze e Dunga convoca para as eliminatórias
edição 23/08/2008	A felicidade da campeã Maurren Maggi
edição 23/08/2008	Tratamento especial para Ronaldinho Gaúcho
edição 23/08/2008	A nossa menina de ouro no taekwondo

edição 25/08/2008	Medalhistas desembarcam em São Paulo
edição 25/08/2008	Seleção de Bernardinho e Maurren Maggi voltam ao Brasil
edição 26/08/2008	Maurren Maggi, a mãe de Sophia, volta ao Brasil
edição 27/08/2008	Festa para as meninas do vôlei em São Paulo

Análise: A programação deu grande destaque aos esportes competidos por atletas brasileiros.

Em relação ao destaque das seleções e atletas brasileiros houve uma concentração de dois temas. O primeiro tratou de questões relacionadas à preparação física, infra-estrutura, resultados e a própria tradição da modalidade. Em relação ao segundo tema a abordagem concentrou-se nos aspectos da vida e da família do esportista enquanto cidadão comum.

Para melhor visualização e entendimento apresentamos o quadro abaixo com as modalidades mais enfatizadas durante a cobertura dos Jogos.

Modalidades enfatizadas/ brasileiros	
Vôlei	36
Futebol	35
Ginástica	11
Judô	11
Salto	10
Natação	6
Handebol	5
Basquete	4
Boxe	2
Canoagem	2
atismo	2
Taekwondo	2
Hipismo	1
Vela	1
Tiro	1
Tênis de mesa	1
Ciclismo	1
Remo	1

Como podemos perceber, o vôlei teve grande destaque na programação do JN, seguido do futebol, considerado o esporte mais praticado e assistido pelos brasileiros.

O destaque do Jornal Nacional ao vôlei é justificado pela sua história, por todas as suas vitórias e pelo seu formato – vôlei de quadra e vôlei de praia. Desde o começo havia um favoritismo de o vôlei masculino subir ao pódio. Observa-se a atenção da mídia ao destacar a

infra-estrutura planejada para atender a seleção de vôlei masculino no Japão, um centro de treinamento impecável onde se destaca a privacidade e a calma na concentração dos treinos. Essa etapa para o técnico Bernardinho ganhou destaque ao declarar a mídia que: “Ficar um pouco entre nós é bom porque, chegando a Pequim, as coisas vão ser mais movimentadas¹⁴”.

A atenção da mídia em registrar todo o percurso das seleções feminino e masculino de futebol nas Olimpíadas pode ser observada em matérias como o desembarque de grandes nomes do futebol brasileiro, Marta e Ronaldinho Gaúcho, na cidade de Shenyang, a 700 quilômetros de Pequim, casa do futebol brasileiro na China. “Agora mais do que nunca é hora de a gente conseguir o ouro tão sonhado¹⁵”, diz Marta. Na China, como no resto da Ásia, os gritos e as atenções estão voltadas para o capitão. “Estou me sentindo muito bem, tô aproveitando os dias que faltam antes da abertura, e vamos fazer uma boa preparação¹⁶”, diz Ronaldinho.

A mudança no uniforme da seleção também foi alvo de comentários e críticas na programação. “O país que nasceu para jogar futebol com uniformes sem identidade. O Comitê Olímpico Internacional determinou que as equipes não utilizem os escudos das respectivas confederações. Assim, no caso da seleção, desapareceram também as cinco estrelas¹⁷”. Alguns jogadores da seleção comentaram sobre o assunto:

Junto com o uniforme toda seleção carrega uma história, uma história de muitas glórias e deveria ser respeitado, mas não foi o que aconteceu, opina o meio-campo Diego¹⁸.

Amanhã com símbolo da CBF ou não, com cinco estrelas ou não a gente vai ter que entrar para ganhar o jogo, afirma o lateral direito Rafinha¹⁹.

O descontentamento da mídia da atuação do técnico Dunga aparece em evidência após a derrota para a Argentina na semifinal no dia 18/08/2008. “O que não deu para entender foi a estratégia de só atacar, só buscar o gol quando o placar já era desfavorável. Uma situação tão atípica que, inclusive, deixou o ídolo argentino Maradona perplexo.²⁰”

¹⁴ “Seleção de vôlei masculino chega ao Japão” (Jornal Nacional, edição 01/08/2009).

¹⁵ “Marta e Ronaldinho Gaúcho já estão em Shenyang, a casa do futebol brasileiro na China” (Jornal Nacional, edição 02/08/2008).

¹⁶ Idem 15.

¹⁷ “Seleção masculina disputa segunda partida de uniforme novo” (Jornal Nacional, edição 09/08/2008).

¹⁸ Idem 17.

¹⁹ Idem 17.

²⁰ “Nunca vi um Brasil tão covarde e defensivo, disse Maradona a TV Argentina”. In: “Seleção masculina de futebol está em Xangai para disputar o bronze no futebol” (Jornal Nacional, edição 20/08/2008).

Numa partida dramática, digna de uma final olímpica, a seleção brasileira feminina de futebol também perde, para os Estados Unidos e fica com a medalha de prata, “o Brasil vai pra frente, com lances geniais da incansável Marta²¹”.

Outros esportes também ganharam destaque na programação como a ginástica (8,3%), o judô (8,3%), o salto (7,5%), a natação (4,5%), o handebol (3,8%) e o basquete (3%). Além de esportes como o boxe (1,5%), canoagem (1,5%), iatismo (1,5%), taekwondo (1,5%), hipismo (0,75%), vela (0,75%), tiro (0,75%), tênis de mesa (0,75%), ciclismo (0,75%) e remo (0,75%).

A aproximação com o atleta-herói, entrevistas exclusivas, sua vida quanto homem, o envolvimento de seus familiares nesse percurso competitivo, humanizou-o frente a essa luta.

As narrativas humanizadoras introduzem elementos emocionais que envolvem de um lado uma maior identificação pelo público e também para deixar a edição mais atrativa, não concentrando apenas nos jogos, partidas e resultados.

Marcelinho, levantador da seleção do vôlei é surpreendido em Pequim com a notícia de que seu filho Pedro havia nascido.

Olhos brilhando para gravar bem a cena que ele nunca vai esquecer. “Minha mãe fez tudo por mim e pelos meus irmãos. Tudo o que ela me ensinou eu vou procurar fazer pelo meu filho. O que eu quero é que eu seja um bom pai, como um bom filho eu fui. Isso é o que eu quero”, disse Marcelinho. (Jornal Nacional, edição 13/08/2008).

A equipe do Jornal Nacional também acompanhou a vibração das famílias dos judocas Leandro e Ketleyn. Em Ceilândia, cidade satélite de Brasília a família de Ketleyn Quadros formou uma torcida organizada e avó preferiu o silêncio do quarto para rezar pela neta. “Pedi para São Jorge, pedi para Nossa Senhora da Aparecida, que é nossa protetora e eu tenho muita fé²²”, disse a avó Marilda de Oliveira.

Em Santos, a madrugada foi de tensão e muita comemoração na casa da família de Leandro Guilherme. Regina Guilherme, mãe do judoca, não parava um só instante e, na última luta do filho, buscou apoio na fé. “Tudo o que eu pedi a Deus foi que ele voltasse feliz. Só isso e deu certo. Deus sempre me ouviu²³”, garantiu Dona Regina.

²¹ “Seleção feminina de futebol fica novamente com a prata” (Jornal Nacional, edição 21/08/2008).

²² “Famílias de judocas vibram com bronzes em Pequim” (Jornal Nacional, edição 11/08/2008).

²³ Idem 22.

Os atletas brasileiros tiveram destaque na programação, a luta pela conquista do ouro foi acirrada, entre perdas e vitórias o povo brasileiro torceu e se emocionou com as competições e imagens mostradas.

5) Matérias referentes a seleção ou atletas de outros países:

Seleção ou atletas de outros países	
edição 04/08/2008	Pequena delegação de Tuvalu chega a Pequim
edição 04/08/2008	Rafael Nadal e Michael Phelps chega a Pequim
edição 08/08/2008	Corredor naturalizado americano vence a fome e realiza o sonho olímpico
edição 09/08/2008	Natação: Michael Phelps quebra recordes na estréia
edição 09/08/2008	República Tcheca ganha o primeiro ouro olímpico
edição 09/08/2008	Atleta do boxe é nocauteado e vai para hospital
edição 11/08/2008	Angolano João Tyamba disputa sexta Olimpíada
edição 11/08/2008	Uma prova para entrar na história da natação
edição 12/08/2008	A rotina dourada de Michael Phelps nas Olimpíadas
edição 13/08/2008	Imprensa chinesa destaca ouro na ginástica
edição 13/08/2008	Phelps se torna o maior atleta olímpico da era moderna
edição 13/08/2008	Chineses naturalizados dominam o tênis de mesa nas Olimpíadas
edição 14/08/2008	Federer é eliminado das Olimpíadas por freguês
edição 14/08/2008	O duelo entre China e Estados Unidos pelas medalhas de ouro
edição 15/08/2008	Confirmado os dois primeiros casos de doping nas Olimpíadas
edição 15/08/2008	A etíope Tirunesh Dibaba conquista o ouro no atletismo e mantém a tradição da sua família
edição 16/08/2008	Jamaicano é o homem mais rápido do planeta
edição 18/08/2008	Atleta campeão chinês Liu Xiang desiste da prova
edição 20/08/2008	Usain Bolt vence também os 200 metros com recorde mundial
edição 22/08/2008	Jamaicanos dão show no revezamento 4x100. Brasil fica em quarto

Análise: Entre vitórias, perdas e curiosidades alguns atletas de outros países também tiveram seus nomes em destaque na programação durante as competições.

Modalidades enfatizadas/ outros países	
Atletismo	7
Natação	5
Tênis	2
Ginástica	1
Boxe	1
Levantamento de Peso	1
Tênis de mesa	1
Tiro	1

Nesse bloco estrelas do atletismo e da natação tomaram conta da programação.

Em 112 anos de história dos Jogos Olímpicos, nenhum homem conseguiu o que o jamaicano Usain Bolt fez: ouro nos 100m (9s69), 200m (19s30) e 4x100m (37s10) com três recordes mundiais.

Pergunto a ele sobre a importância de conquistar três ouros na mesma Olimpíada: 'Bom, muito bom. Nós entramos na pista e dissemos, vamos conseguir, por isso estou tão feliz?... Alegria de campeão num estilo bem jamaicano'²⁴. (Repórter Renato Ribeiro, Jornal Nacional, edição 22/08/2008)

O americano Michael Phelps, o fenômeno da natação, confirma o favoritismo - e quebra recorde olímpico ainda na eliminatória.

Phelps, o grande destaque da mídia e das olimpíadas, se torna o maior atleta olímpico da era moderna. Com as vitórias em Pequim Phelps passa a ter 11 medalhas de ouro em todas as Olimpíadas, nunca ninguém escalou tantas vezes o pico do esporte. Em entrevista, o americano foi perguntado se era um super-homem. Phelps sorriu e disse: “Eu não sou invencível, ninguém é invencível, todo mundo pode ser vencido”²⁵.

6) Matérias referentes ao Brasil com alguma ligação ao evento:

Brasil	
edição 06/08/2008	Presidente Lula chega a Pequim
edição 07/08/2008	Lula pede apoio à China para candidatura do Rio de Janeiro em 2016
edição 09/08/2008	Culinária brasileira faz sucesso na China
edição 21/08/2008	Pelé é apresentado como embaixador da candidatura do Rio às Olimpíadas de 2016

Análise: Podemos perceber que o nacionalismo também ganha destaque na programação do Jornal Nacional.

O presidente Lula aproveitou o clima de confraternização gerado pelos Jogos Olímpicos para promover a candidatura do Rio de Janeiro nas Olimpíadas de 2016. “Levar os Jogos Olímpicos para o Brasil é uma das principais razões para a visita a Pequim, mas o

²⁴ “Jamaicanos dão show no revezamento 4x100” (Jornal Nacional, edição 22/08/2008).

²⁵ “Phelps se torna o maior atleta olímpico da era moderna” (Jornal Nacional, edição 13/08/2008).

presidente Lula aproveitou para ir à Vila Olímpica conhecer as acomodações da delegação verde-amarela e trazer apoio aos atletas brasileiros²⁶.

Pelé é apresentado como embaixador da candidatura do Rio às Olimpíadas de 2016, e que juntamente com a ex-jogadora de basquete Janeth, duas vezes medalhista olímpica, vão ajudar o Rio na disputa contra Madri, Chicago e Tóquio.



Pelé e Janeth²⁷

A culinária brasileira também faz sucesso na China. Restaurante de brasileira é eleito o melhor de Pequim, prêmio máximo de três revistas especializadas. Seguido por uma dupla de nordestinos que já ganhou muitas medalhas com receitas saborosas da nossa culinária.

7) Matérias gerais:

Acontecimentos gerais	
edição 02/08/2008	Terremoto volta a atingir região de Sichuan, na China
edição 04/08/2008	Tocha é presente para vítimas de terremoto
edição 05/08/2008	Novo tremor de terra assusta a China
edição 06/08/2008	Atletas participam do Encontro da Juventude
edição 06/08/2008	Escola de Shichahai é fábrica de campeões

Análise: Outros fatos que ocorreram durante os Jogos na China também foram transformados em matérias.

A importância dos Jogos realizados na Grécia Antiga contribui para que os povos estabelecessem um acordo de paz, uma espécie de trégua que valia para tudo e para todos.

²⁶ “Lula pede apoio à China para candidatura do Rio de Janeiro em 2016”. (Jornal Nacional, edição 07/08/2008).

²⁷ “Pelé é apresentado como embaixador da candidatura do Rio às Olimpíadas de 2016”. (Jornal Nacional, edição 21/08/2008).

Esse fato não se confirmou dias antes da realização dos jogos quando um terremoto atingiu a região de Sichuan, sudoeste da China, trazendo muitos prejuízos como destruição, mortos, feridos e desaparecidos.

A Tocha Olímpica, símbolo dos Jogos que percorre várias cidades levando esperança e felicidade se misturou com a tristeza de uma China que sofreu com os terremotos. “A 1,6 mil quilômetros do estádio olímpico, vidas improvisadas entre os escombros vão se abrigoando em paredes de lona, enquanto esperam na TV a alegria distante das vitórias. Ao celebrar os heróis de Pequim, o mundo não vai se esquecer do rosto sofrido desses milhões de chineses²⁸”.

O incentivo ao esporte pode ser observado através do Encontro Olímpico da Juventude, ritual que se autoalimenta estimulando e envolvendo as novas gerações de atletas. Na ocasião foram reunidos 481 jovens, entre 16 e 18 anos, representando diferentes nações para sentir a atmosfera das olimpíadas, como a cerimônia de abertura, a presença em algumas competições e a possibilidade de interagir com outros atletas.

A importância do Encontro pode ser constatada no destaque do Jornal Nacional ao enfatizar:

Diego Hypólito, hoje favorito ao ouro, quatro anos atrás estava no Encontro da Juventude. ‘Lá, foi super divertido, engraçado, porque eu não estava nas Olimpíadas competindo, mas eu me sentia no meio do esporte. Cheguei agora aqui e já sei como é uma Olimpíada’, lembra Diego Hypólito. (“Atletas participam do Encontro da Juventude”, Jornal Nacional, edição 06/08/2008)

As notícias sobre os hábitos dos chineses e valores ganham repercussão por meio de grandes acontecimentos como temos observado na realização dos Jogos Olímpicos. Uma China pouco conhecida ganha transparência em sua forma de agir, revelando valores pelo esporte, observa-se que o governo cria mecanismos para dar oportunidade ao jovem e ao mesmo tempo oferece possibilidades esportivas, através de critérios de acompanhamento, conduta e cobrança. “Na academia de heróis, determinação é exigência. Noção de realidade, uma virtude. Em nome do sonho de subir no pódio olímpico, os pequenos atletas não estão para brincadeira²⁹”.

²⁸ “Tocha é presente para vítimas de terremoto” (Jornal Nacional, edição 04/08/2008).

²⁹ “Escola de Shichahai é fábrica de campeões” (Jornal Nacional, edição 06/08/2008).

3.3. Parte III - Análise

Após essa divisão e análise foi possível selecionar algumas matérias do Jornal Nacional referentes aos Jogos Olímpicos, para realizar uma reflexão sobre o enlaçamento do tema e das imagens com as diferentes perspectivas sócio-culturais e políticas, além de permitir considerações sobre o próprio telejornal.

O Jornal Nacional é apresentado pelo casal William Bonner e Fátima Bernardes, que iniciam o telejornal com uma chamada rápida e direta para as matérias mais importantes da edição. Os mediadores convocam o telespectador a assistir as principais notícias do dia através da maneira como fixam o olhar na câmera durante a escalada, além da forma como tentam impor um tom de seriedade, objetividade e imparcialidade na condução do telejornal. O telespectador assiste o jornal esperando encontrar as informações relevantes de maneira organizada. A aproximação com o telespectador é observada através da humanização do relato, por meio de um exemplo de pessoas comuns, ilustra-se uma situação recorrente aos cidadãos brasileiros. O telejornal busca evidenciar a apuração das notícias, muitas vezes destacando a presença do repórter no local do acontecimento, garantindo a credibilidade.

Após essas observações propomos a análise de 5 matérias veiculadas pelo Jornal Nacional no período dos Jogos Olímpicos de Pequim.

3.3.1. Presidente chinês fala à imprensa internacional (edição 01/08/08)

A uma semana da abertura dos Jogos Olímpicos, o presidente da China concedeu sua primeira entrevista coletiva à imprensa internacional. Os repórteres Lafayette Dias e Ernesto Paglia acompanharam.

A revolução é vermelha, amarela e roxa. Nesta véspera de Olimpíadas, a cinzenta Pequim ganha as cores de árvores e jardins instantâneos. Esqueletos de obras inacabadas se escondem atrás de telas verdes e tapumes coloridos. Novos monumentos emprestam sofisticação à moderna metrópole que surgiu nos últimos anos.

Mas não é só Pequim que anda mudada. O próprio governo chinês também anda agindo de forma diferente nestas vésperas de Jogos Olímpicos. Nesta sexta-feira, o Grande Salão do Povo, a imponente sede do parlamento chinês, serviu de cenário para um encontro incomum: a primeira entrevista coletiva concedida pelo presidente chinês Hu Jintao à imprensa internacional desde que assumiu o cargo, há cinco anos.

Ao todo, 26 veículos de comunicação estabelecidos em Pequim foram convidados. A maioria das emissoras americanas e britânicas ficou de fora. Como é de praxe na China, as perguntas foram enviadas por escrito e o porta-voz do governo decidiu quem podia se dirigir ao presidente. Um jogo de carta marcadas, feito para deixar de fora questões mais incômodas

Bem que tentamos, mas não deu para perguntar sobre a autonomia do Tibete ou a censura oficial da internet, que continua a bloquear, com frequência, páginas de organizações como a proibida seita religiosa Falun Gong.

Hu Jintao pode, então, falar do sonho chinês de uma olimpíada de paz e harmonia, capaz de promover a amizade e o entendimento entre os povos. Quanto ao presidente americano George W. Bush, que recebeu dissidentes chineses e disse que os seus atletas serão embaixadores da liberdade nestas Olimpíadas, o presidente Hu só respondeu indiretamente.

“Politizar os jogos não ajuda a aumentar o entendimento e ameaça o espírito olímpico”, disse o líder chinês.

O esforço diplomático chinês é evidente, mas a força do hábito é poderosa. Nesta sexta-feira, no seu dia, o exército da China não se acanhou com as câmeras internacionais e exibiu orgulhosamente a face militarizada da sede destas Olimpíadas.



1



2



3



4



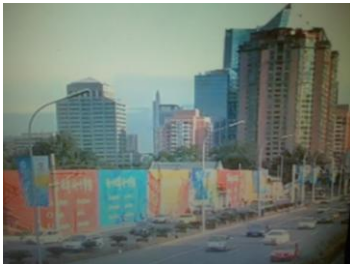
5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16

Análise: Fátima Bernardes (1) chama a matéria, as primeiras imagens mostram Pequim dias antes da abertura dos jogos, percebe-se que os últimos ajustes (2,3,4,6 e 7) estão sendo feitos na cidade. Partes da cidade, como grandes avenidas e prédios modernos (5 e 8), são mostrados em contraste às margens fabricadas com jardins floridos. A cena abre no repórter Ernesto Paglia (10) que se posiciona em frente ao Grande Salão do Povo, a imponente sede do parlamento chinês.

A primeira entrevista dada a imprensa internacional pelo presidente chinês Hu Jintao (12) atrai a atenção de todos. Nas imagens podemos perceber o posicionamento dos repórteres na mesa oval do salão (13), caracterizando uma organização controlada pelas autoridades.

A matéria encerra com a exibição de militares chineses, todos alinhados e segurando suas armas com ar de orgulho (14,15 e 16).

As imagens são ilustrativas.

3.3.2. O hábito chinês de tirar uma soneca em lugares públicos (edição 02/08/08)

Quem chega a Pequim e sai às ruas depois do almoço toma um susto. Nesse horário, um velho hábito dos habitantes locais pára a cidade. A reportagem é de João Pedro Paes Leme e André Amaral.

A vida acelerada. A China que não pára. O passo do cidadão chinês hoje é veloz como o ritmo do crescimento econômico. Afinal, para um país que cresceu em média 10% ao ano, nesta década, dormir no ponto nem pensar. Será? A sesta ainda é um hábito dos chineses em Pequim.

Em alguns países da Europa, a sesta é um hábito conhecido. Aquela hora da soneca depois do almoço quando a pessoa vai pra casa, dorme, descansa e só volta a trabalhar no fim da tarde. Aqui na China é um pouco diferente. Os chineses não perdem tempo, nem energia. Ir pra casa por que?

Se tempo é dinheiro, dormir no trabalho não é problema. Pelas ruas, bocejar também nunca foi. Mas da aí ao relaxamento completo é um pulo... Nos sapatos largados, uma pista. A praça pública, depois do almoço, é mesmo um convite ao sono. O improvisado vira arte chinesa quando o negócio é descansar. Nem importa que a posição pareça desconfortável. Quem acha conforto, dorme o sono dos anjos.

Dormir pelos cantos é culturalmente um hábito tão forte na China que virou site na internet. Uma coleção de fotos em que o menos importante para o sono é a cama. E quem disse que o travesseiro precisa ser macio? Se ninguém está usando a cabine telefônica, ela vira abrigo... Se as crianças deram uma pausa no parquinho, o papai aproveita.

Na China é assim: cansou, dormiu. E se der sono pela rua, não se preocupe com algum tipo de repressão policial. Ninguém tem autoridade para condenar esse hábito por aqui.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12

Análise: A apresentadora Carla Vilhena (1) chama a matéria. As imagens da cidade com símbolos do evento, de pessoas na rua caminhando para o trabalho, passeios ou afazeres diários, vestidas com trajes semelhantes às de pessoas de uma cidade como São Paulo, a grande quantidade de carros nas ruas e avenidas, além de imagens de monumentos tradicionais retratam a matéria que apresenta uma China moderna (2,3,4,5,6 e 7). Essa característica de cidade moderna é contrastada pelas imagens da tradicional soneca dos chineses em lugares públicos (8,9,10,11 e 12).

É uma matéria de comportamento; as imagens são ilustrativas.

3.3.3. Pequim tem reforço de policiamento (edição 04/08/2008)

Em Pequim, houve reforço no policiamento para os Jogos Olímpicos. Os repórteres César Tralli e André Amaral acompanharam a movimentação nas ruas.

Chegada discreta e numerosa, bem ao estilo chinês. Aparecem de tudo quanto é canto e, de repente, tudo fica mais difícil.

É um tal de pede daqui, gesticula dali, mas os caminhos não se abrem. Não adianta insistir. Em um único dia, Pequim recebe 250 mil soldados e policiais, um reforço desse tamanho só mesmo na China.

Em nome da segurança, a capital das Olimpíadas agora está sob vigilância total: bloqueios em ruas, restrições no espaço aéreo, controle sobre o cidadão até debaixo da terra, para uma simples viagem de metrô. E para quem vem de fora, aperto ainda maior.

Do momento em que pisa na China, todo estrangeiro tem 24 horas para comparecer à delegacia mais próxima. Quem for abordado sem licença policial, vai pagar multa, pode ir para cadeia e até mesmo ser expulso do país. O tipo de punição vai depender muito do estado de humor de quem registrar o flagrante de desobediência.

Então, cuidado, porque também não falta cara de mal. Nos quartéis, pilotos de blindados treinam em simuladores.

Não foi preciso acionar tanques para conter um protesto de sem-teto na Praça da Paz Celestial. Uns chineses dizem que moravam na região e reclamam que não foram indenizados pela perda das moradias para obras, nos arredores da maior praça do mundo

Manifestações estão proibidas em Pequim, ninguém escapa aos olhos do estado. Um milhão de câmeras vigiam tudo e todos. Para nós, um espanto. Para eles, um hábito de vida.

Quando a câmera não tem o objetivo de intimidar, nossos anfitriões se soltam. Bom seria se sempre fosse assim.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14

Análise: O apresentador Willian Bonner (1) expõe a matéria. Imagens de policiais e carros com o emblema da polícia (2,3,4,6 e 7) aparecem fazendo a ronda, atuando como guardiões das áreas importantes, desfilando num ritual que transmite uma sensação de segurança. O enfoque é voltado para uma praça, (5) o símbolo dos Jogos Olímpicos de Pequim, mostrando a presença do evento.

A imagem de duas pessoas não identificadas (12 e 13) são focadas no meio a um protesto, comprovando que a China também está vulnerável a manifestações em grandes eventos.

A cena segue para uma fila de policiais (14), o que nos faz acreditar que eles têm o controle da situação.

As imagens são ilustrativas, as imagens revelam o recorte do jornalista, mostram cenas dos temas narrados na reportagem.

3.3.4. Brasileira Maurren Maggi salta para a história (edição 22/08/2008)

Num salto de 7m04 centímetros de extensão, Maurren Maggi conquistou, nesta sexta, a nossa segunda medalha de ouro em Pequim. Foi a primeira na história de uma atleta brasileira em prova olímpica individual.

O rosto tenso. Maurren Maggi sabe que é possível uma medalha. Como demonstrar raça no salto em distância? No grito!

O salto é bom, Maurren espera o resultado: 7m03. Por um centímetro, ela se torna a primeira campeã olímpica do país em esportes individuais. Uma incrível história de recuperação. Em 2003, Maurren foi suspensa dois anos por doping. Na época, ela alegou que a substância proibida, clostebol, estava numa pomada cicatrizante. Chegou a parar de vez com o atletismo. Cinco anos depois, ouro. Por isso, o agradecimento ao técnico Nélio Moura. “Foram 14 anos para construir uma medalha de ouro. Se eu morrer hoje, morro feliz”, afirma Nélio. No momento mais importante da sua vida, com quem você gostaria de dividir tanta alegria? “Ninguém atende, meu Deus. Alô, quem fala? Pai, sou eu, Maurren. É ouro, não estou acreditando”, chora a campeã.

Quando fala com a filha, a pequena Sofia faz uma cobrança ingênua. “Preferia a medalha de prata”.

Momentos depois, mais emoção quando conversa de novo com a família. E ainda faltava o melhor. “Vamos ouvir o hino nacional brasileiro finalmente e é pela Sophia”, vibrou Maurren.

Desde o ouro de Joaquim Cruz, em Los Angeles, 1984, há 24 anos, isso não acontecia: o hino brasileiro tocado num Estádio Olímpico. Ninho do Pássaro nasceu a nova heroína do nosso esporte.



1



2



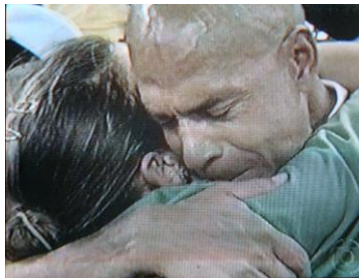
3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13

Análise: Minutos antes de divulgado o ouro de Maggi, (1) o foco em seu rosto preocupado deixa o público na expectativa do resultado. A alegria, a vibração e o choro (2) por ter ganhado o ouro é acompanhado de sua história e luta até o momento da conquista.

Imagens divulgadas pelo arquivo da Globo, lembrando que no passado Maggi havia sido vetada dos jogos pelo uso de substância proibida, em contraste com sua nova fase de ouro (3 e 4).

Depois de confirmada a vitória o gesto de desfilar com a bandeira e de cumprimentar o público remetem ao orgulho nacional (5 e 9)

O abraço e admiração do técnico que esteve ao seu lado durante sua luta pelo pódio transmite a sensação de um trabalho em conjunto (6 e 7). A cena da ligação para sua família (8) que torcia aqui no Brasil desperta seu lado humano, como cidadã comum. São significações simbólicas que não restringem somente no atleta como esportista, mas também em suas relações familiares e sociais.

A imagem da atleta Maurren Maggi no pódio (12) com o braço levantado para a torcida e para a câmera, comemorando sua vitória aproxima o público desse momento.

3.3.5. Usain Bolt vence também os 200 metros com recorde mundial (edição 20/08/2008)

O jamaicano Usain Bolt vai completar 22 anos nesta quarta e já garantiu o presente de aniversário na véspera.

Há oito competidores nos 200 metros mas o estádio só tem olhos para um: o jamaicano Usain Bolt.

Antes da largada, a expressão que passa humor e auto-confiança ao mesmo tempo. Todos se perguntam, o que ele pode fazer depois de quebrar o recorde mundial dos 100m?

Lá vai ele. Na curva, já está na frente. Vence com extrema facilidade: 19s30, recorde mundial, dois centésimos a menos do que a marca anterior, do americano Michael Johnson, que já durava 12 anos.

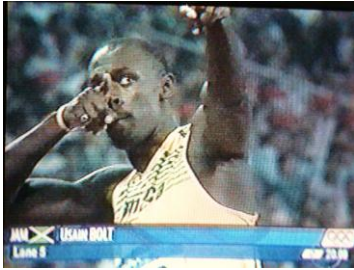
A prata é de Shawn Crawford, dos EUA, 66 centésimos atrás. O bronze é do também americano Walter Dix.

Dessa vez, Bolt não olhou para a câmera. Veio correndo e olhou para o cronômetro, seu maior rival. Quando ele viu o recorde quebrado, aí sim, comemorou. O mundo voando com Bolt, o mundo dançando o ritmo dele, o mais rápido, o mais feliz de todos. Em 112 anos de história dos Jogos Olímpicos, nenhum homem conseguiu o que Bolt fez nesta quarta: ouro nos 100 e 200 metros com dois recordes mundiais. “Eu sei que fiz história, mas quero ainda sentar e apenas aproveitar”, disse Bolt, que vai tentar o terceiro ouro no revezamento 4x100m.

Bolt significa raio em inglês. Quem disse que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar?



1



2



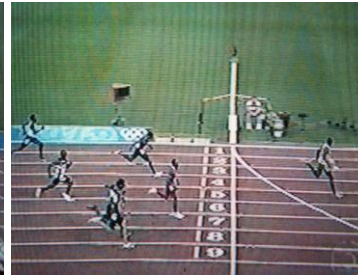
3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



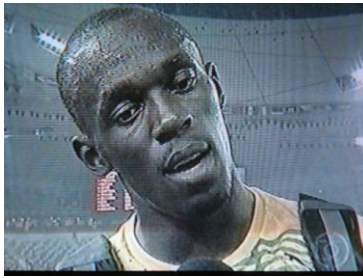
14



15



16



17



18



19

Análise: Willian Bonner apresenta a matéria. Os corredores aparecem em posição de largada (3) tendo ao fundo a arquibancada repleta de pessoas. Três momentos da corrida na pista são retratados demonstrando o esforço dos atletas para alcançar a linha de chegada (4,5 e 6) e a imagem do placar que marca 19:30 (7) confirmando o recorde da prova de 200m para o jamaicano Bolt. A vitória é comemorada por Bolt que se estende no chão num gesto que mistura satisfação e alívio (8 e 9). Imagens reproduzidas (11,12 e 13) destacam a concentração do corredor jamaicano nos instantes finais da prova oficial e da comemoração ao desfilar com a bandeira de seu país. Entra o repórter Renato Ribeiro (15 e 16) que comenta o fato seguido de imagens da vitória num outro ângulo (17,18 e 19).

Conclusão

A comunicação televisiva aliada ao fenômeno esporte é presença diária e crescente no mundo contemporâneo.

Além dos canais fechados, alguns dedicados exclusivamente ao esporte, a TV aberta abre grandes espaços as competições esportivas, que atraem audiências gigantescas e patrocínios idem.

A repercussão mundial de mega-eventos como os Jogos Olímpicos oferece excelentes oportunidades de estudo dos processos e produtos comunicativos envolvidos.

Dada a estreita vinculação da televisão com o esporte e tendo a televisão tanta presença nos lares brasileiros, pareceu-nos importante estudar como nosso principal telejornal apresentou os Jogos Olímpicos de Pequim.

Para isso, trouxemos reflexões sobre a imagem como representação, com algumas observações sobre a imagem fixa e a imagem em movimento. Da pintura a fotografia, do cinema a televisão, a imagem sempre representa e se reveste de códigos culturais, sociais e políticos.

O segundo capítulo debruçou-se sobre o telejornalismo e suas características estruturantes. Um produto telejornalístico elabora e processa informações, tem critérios de seleção de notícias, de hierarquização.

Como o Jornal Nacional operou a tematização da informação sobre os Jogos Olímpicos de Pequim? Quais foram os valores-notícia? Que visibilidade do real foi sendo construído?

O telejornalismo mantém relações indissolúveis com a narrativa. A narrativa é seu modo de apresentar os fatos do mundo. Mas a narrativa não se desvincula de elementos ficcionais. E quando relata jogos, que propiciam embates e criação de personagens, a ficção é um caminho ainda mais poderoso.

A reflexão sobre o jogo e a cultura da humanidade vem se somar a relação jogo/entretenimento.

No terceiro capítulo, partimos para análise do corpus - edições diárias do Jornal Nacional do mês de agosto de 2008. Fizemos um mapeamento dos temas relativos aos Jogos Olímpicos, constatando a grande presença do evento dentro da programação, sendo que em alguns dias as matérias olímpicas ultrapassaram a quantidade de outras editoriais.

Foram apontadas as modalidades esportivas que tiveram mais presença no telejornal. Assim, os esportes de equipe apareceram com destaque, também porque são geradores de maior público. Foi possível fazer uma comparação entre as competições com atletas estrangeiros e atletas brasileiros.

Podemos inferir um caráter nacionalista seja na grande quantidade de informação relativa a competições envolvendo equipes ou atletas brasileiros, seja na edição que tentava, por recursos de identificação, aproximar e incentivar nossos representantes.

Analisamos mecanismos discursivos que construíram representações da China entremeadas a matérias específicas sobre competições ou atletas.

Houve uma tendência a criar narrativas heróicas em torno de algumas celebridades ou atletas pouco conhecidos.

Para criar maior identificação com o telespectador algumas reportagens traziam toques “humanos” como vínculos familiares, nascimento de filho e outras circunstâncias emocionais.

A vinculação com o entretenimento mostrou-se em toda a cobertura. O telejornal privilegiou matérias “leves”, informações culturais, curiosidades sobre hábitos chineses, aspectos emocionais criando pontes que facilitaram a adesão do público ao evento global. Poucas foram as matérias que apresentaram informações políticas ou teor crítico.

A China foi representada como um grande país no caminho do desenvolvimento, cada vez mais integrado a “modernidade” ocidental.

O tom geral das edições telejornalísticas conduziu a um clima favorável ao país-sede e ao desenrolar dos Jogos Olímpicos com o esperado destaque aos atletas brasileiros.

A mediação simbólica operada pelo Jornal Nacional não fugiu muito do ritual de cobertura esportiva de grande porte. Enviados especiais, repórteres famosos, entradas ao vivo, entrevistas, tecnologia na captação de imagens: houve o espetáculo, houve reportagens curtas e médias, mas nenhuma produção de especial criatividade ou inovação de formatos tecnológicos.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1993.
- _____. *Análise Estrutural da Narrativa*. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Tradução Artur Mourão. Rio de Janeiro: Elfos. Lisboa: Edições 70, 1995. (Coleção Ciência & Sociedade, 3).
- BOURDIE, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.
- BORELLI, Viviane. *O esporte como uma construção específica no campo jornalístico*. Rio Grande do Sul. 2002. Disponível em http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19083/1/2002_NP18BORELLI.pdf. Acesso em: mai. 2010.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei – a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.
- BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de semiótica da cultura*. CISC/PUCSP. (trad. Norval Baitello Jr.) São Paulo: Pré-Print, 1995.
- CATALÁ, Josep, M. *La imagen compleja: la fenomenología de la imágenes en la era de la cultura visual*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona: Servei de Publicacions, 2005.
- CHANDLER, Daniel: *Modes of Adress*. Disponível em <http://www.aber.ac.uk/media/Documents/S4B/sem08b.html>. Acesso em: ago. 2010.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Mobilis In Mobili, 1991.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, Vídeo, Godard*. Tradução Mateus Araujo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- _____. *O Ato Fotográfico*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- DUGAICH, Cibele Mara. *O Marketing Político Americano da GUERRA FRIA: discurso, mistificação e mídia*. 2001. Tese de Doutorado – UNICAMP, Campinas, 2001.
- FARRÉ, Marcela. *El noticiario como mundo posible: estrategias ficcionales en la información audiovisual*. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2004.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta - ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. *Periódicos: sistemas complejos, narradores em interacción*. Buenos Aires: Crujia, 2006.

- GOMES, Itania Maria Mota. *Questões de método e análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise*. Brasília: E – Compôs, p.1-31, 2007.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=comcontent&view=category&id=8&Itemid=19>. Acesso em: 20 set. 2009.
- HERSCHMANN, Micael, M. & LERNER, Kátia. *O jogo e a construção da cidade a européia – o futebol e o jogo do bicho na belle époque carioca*. Brasil: Comunicação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- JOST, François. *O que significa falar de “realidade” para a televisão?* In: GOMES, Itania M. M. (Org.). *Televisão e Realidade*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- KLEIN, Naomi. *Sem logo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LÓTMAN, Iuri. *La Semiosfera I*. Tradução Desiderio Navarro. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- LUHMANN, Niklas. *A realidade dos meios de comunicação*. Tradução Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2005.
- MARTIN-BARBERO, J. *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*. In: SOUZA, Mauro Wilton (Org.) *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MORÁGAS SPÀ, Miquel de & BOTELHA, Miquel (eds.). *Las Claves del Éxito – Impactos sociales, deportivos, económicos y comunicativos de Barcelona’92*. Espanha: Centro de Estudios Olímpicos y del Deporte, Universidad Autónoma de Barcelona, 1996.
- MORIN, Edgar. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MOUILLAUD, Maurice. *Da forma ao sentido*. In: PORTO, Sergio D. (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- _____ *A informação ou parte da sombra*. In: PORTO, Sergio D. (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- ORLANDI, Eni, P. *Interpretação Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, 1996.
- RONDELLI, Elizabeth. *Televisão: modos de ver, modos de dizer*. Brasil: Comunicação, Cultura e Política, Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- SODRÉ, Muniz & PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*, Rio de Janeiro: Maud, 2002.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 1. ed. Lisboa: Vega, 1993.

TUCHMAN, Gaye. Contando ‘estórias’. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 1. ed. Lisboa: Vega, 1993.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz, *O Funcionamento do Discurso do Marketing Esportivo em Campanhas Publicitárias e Matérias Jornalísticas*. Tese de doutorado, São Paulo: ECA-USP, 2000.

_____. Esporte e Comunicação. In: TAMBUCCI, Pascoal L., MARIZ de OLIVEIRA, José Aguiar & COELHO SOBRINHO, José (Orgs.). *Esporte e Jornalismo*. São Paulo: CEPEUSP, 1997.

Site visitado:

www.jornalnacional.com.br
